

**A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA COMPUTACIONAL NO  
PROCESSO DA LEITURA E ESCRITA**

**SILVIA CRISTINA DE MENDONÇA LOPES MONTE**

**A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA COMPUTACIONAL NO  
PROCESSO DA LEITURA E ESCRITA**

**SILVIA CRISTINA DE MENDONÇA LOPES MONTE**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em educação. Área de Concentração: Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente.

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Rosan Christino Gitahy

372.3  
M772u

Monte, Silvia Cristina de Mendonça Lopes  
A utilização da tecnologia computacional no  
processo da leitura e escrita / Silvia Cristina de  
Mendonça Lopes Monte – Presidente Prudente:  
[s. n.], 2008.  
157 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) –  
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE:  
Presidente Prudente – SP, 2008.  
Bibliografia.

1. Leitura. 2. Prática de ensino. 3. Tecnologia  
educacional. I. Título.

**SILVIA CRISTINA DE MENDONÇA LOPES MONTE**

**A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA COMPUTACIONAL NO PROCESSO DA  
LEITURA E ESCRITA**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, de 2008.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Rosan Christino Gitahy  
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisa Tomoe Moriya Schlünzen  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz  
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste

Presidente Prudente  
2008

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos que acreditaram que seria possível, a minha mãe que foi sem dúvida a maior incentivadora, as minhas filhas que foram companheiras de trabalho e ao meu marido que esteve presente em todos os momentos de realização deste trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço a DEUS por permitir que eu pudesse finalizar este trabalho, e que durante todo o tempo estive tão presente, concedendo-me sabedoria e discernimento para completar mais esta jornada.*

*A minha mãe, pai e irmãos maravilhosos que acreditaram em mim.*

*As minhas filhas: Maria Lúcia, Maria Isabel e ao meu esposo Fernando que magnificamente souberam me acompanhar e me apoiar nesta árdua tarefa.*

*A minha orientadora Dra. Raquel Rosan Christino Gitahy que sempre me acompanhou de forma carinhosa, cumprindo seu papel de educadora com competência e acima de tudo acreditando no trabalho de pesquisa de seus orientandos.*

*A Escola Estadual “Antonio Fioravante de Menezes” que proporcionou o espaço para minha pesquisa, aos alunos que fizeram parte não só do meu trabalho, como da minha vida.*

*Ao Dr. Adriano que colaborou de forma mágica para que eu chegasse ao final.*

*Enfim a Dra. Elisa que também faz parte deste trabalho e que tão ricamente contribuiu para a sua finalização.*

## **Certeza**

De tudo, ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro...

**Fernando Pessoa**

## RESUMO

### **A utilização da tecnologia computacional no processo da leitura e escrita**

Nos últimos anos, observou-se que alunos dos ensinos fundamental e médio apresentam dificuldades na leitura e na escrita. Diante disso, com a presente dissertação, busca-se contribuir para a melhoria da leitura e da escrita com o uso do computador. O objeto da pesquisa é o processo de aprendizagem de alunos da 5ª série do Ensino fundamental, com idades entre 11 e 13 anos, com deficiência na leitura e escrita. Assim, a pergunta norteadora foi como utilizar a tecnologia computacional no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita destes alunos. O objetivo da investigação refere-se aos avanços no processo da leitura e da escrita, utilizando-se a sala de informática com alunos que apresentavam dificuldades para o desenvolvimento destas atividades. **Para tanto**, o estudo foi de natureza qualitativa e teve como embasamento as leituras de Valente, Papert, Freire e Emilia Ferreiro, privilegiando-se os aspectos afetivo e cognitivo. As atividades de produção escrita foram coletadas na sala de informática e, neste processo, eram analisados os avanços e as dificuldades; a partir daí, definidas novas ações e estratégias para o desenvolvimento do projeto. O desenvolvimento metodológico da pesquisa ocorreu em três momentos distintos: uma avaliação inicial, quando os alunos apresentaram uma produção escrita; em seguida, houve uma intervenção, contando com atividades com o uso do computador; e, finalmente, uma avaliação final, na qual os alunos apresentaram uma produção escrita. Os resultados obtidos foram significativos e contribuíram para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita; entretanto, em relação às normas gramaticais e ortográficas, os alunos ainda apresentaram dificuldades. Cabe, portanto, aos educadores desmistificar o uso desta tecnologia e utilizá-la no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos.

**Palavras-chave:** Leitura – Escrita. Tecnologia Computacional.



## **ABSTRACT**

### **The use of the computational technology in the reading - writing process.**

In the last years, it was observed that the majority of students attending fundamental educational levels show difficulties in reading and writing. Based on this, the present work tries to contribute with the improvement of such activities by using the computer. The object of the research is the learning process of students, whose ages vary from 11 to 13 years old, with deficiencies in reading and writing, who attend the 5<sup>th</sup> grade of Fundamental Education. So, the research bearing question is how to use the computer technology in the teaching and learning processes of these student's reading and writing. In this way, the investigation objective refers to the analysis of advances in reading and writing processes, using the informatic room with students who presented difficulties in the development of such activities. The study had a qualitative nature and it was based on Valente's, Papert's, Freire's and Emília Ferreiro's readings, favoring the affective and cognitive aspects. The writing production activities were collected in the informatic room and, in this process, the progress and difficulties were analysed; from now/on , new actions and strategies focusing the project development were defined. The research methodological development occurred in three distinctive moments: an initial avaluation, when the students presented a written production; next, there was an intervention, counting on activities using the computer; and finally, a last avaluation, in which the students presented, again, a written production. The results obtained were significative and contributed to the learning processes of reading and writing, although the students continued presenting difficulties in mastering the grammatical and orthographical rules. The teachers must, then, desmistify the use of this technology and apply it in their students' teaching and learning processes.

**Key-words:** Reading; Writing. Computational Technology.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Produção inicial do aluno 01	73
FIGURA 2	Produção inicial do aluno 02	74
FIGURA 3	Produção inicial do aluno 03	75
FIGURA 4	Produção inicial do aluno 06	76
FIGURA 5	Tira da revista da Mônica	77
FIGURA 6	Produção do aluno cópia da tira da Mônica	79
FIGURA 7	Produção cópia da tira da do aluno	79
FIGURA 8	Rio de Janeiro tirada da Enciclopédia Abril	81
FIGURA 9	Produção do aluno 01 no Power Point	83
FIGURA 10	Produção do aluno 09 no Power Point	83
FIGURA 11	Tela de jogos na internet	85
FIGURA 12	Tela inicial do Projeto Tô ligado	85
FIGURA 13	Trilhas e Letras	87
FIGURA 14	Trilhas e Letras	88
FIGURA 15	Trilhas e Letras	88
FIGURA 16	Trilhas e Letras	89
FIGURA 17	Produção final do aluno 01	91
FIGURA 18	Produção final do aluno 02	92
FIGURA 19	Produção final do aluno 03	93
FIGURA 20	Produção final do aluno 09	94
FIGURA 21	Produção final do aluno 10	95

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	Diferenças entre o velho paradigma e o novo paradigma....	28
QUADRO 2 -	Retrato das escolas em relação as tecnologias.....	33
QUADRO 3 -	Cursos da Secretaria da Educação aos professores da rede .....	36
QUADRO 4 -	Dados dos sujeitos participantes da pesquisa.....	62
QUADRO 5 -	Encontros e ações realizados durante a pesquisa.....	65

## LISTA DE ABREVIATURAS

SAI.....	Sala ambiente de Informática
PCN.....	Parâmetros Curriculares Nacionais
NRTE.....	.Núcleos Regionais de Tecnologia Educacional
APMs.....	Associação de Pais e Mestres
PROINFO .	Programa Federal de Informatização
MEC.....	Ministério da Educação
ATPs.....	Assistente Técnico Pedagógico
SEE. ....	Secretaria de Estado da Educação
UFRS.....	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
GIP. ....	Gerenciamento de Informática pedagógico
HTPC.....	Hora de Trabalho Coletivo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	24
2.1 Tecnologias na Escola .....	24
2.1.1 Paradigmas de Ensino .....	25
2.1.2 Entrada de Computadores na Rede Pública do Estado de São Paulo .....	30
2.1.3 Formação de Professores para Utilização da Tecnologia Computacional na Rede Pública .....	35
2.1.4 Abordagens: Instrucionista e Construcionista .....	39
2.2 Considerações sobre a Leitura e a Escrita .....	43
2.2.1 Conhecendo melhor a Escrita .....	46
2.2.2 Falando Sobre a Leitura 48 .....	47
2.2.3 O uso dos Aplicativos Word, PowerPoint, Internet e dos Softwares Educativos na Aquisição do Processo da Leitura e da Escrita .....	51
<b>3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	59
3.1 Procedimentos Metodológicos .....	59
3.2 Caracterização do Ambiente da Pesquisa .....	60
3.3 Sujeitos da Pesquisa .....	62
3.4 Relato da Pesquisa .....	65
<b>4 DESENVOLVIMENTO, RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA</b> .....	72
4.1 Diagnóstico Inicial .....	72
4.2 Intervenção Pedagógica .....	76
4.3 Produção Final .....	90
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	97
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFIA</b> .....	101
<b>APÊNDICES</b> .....	105



# Capítulo I

## Introdução

Na Introdução desta dissertação pretendo apresentar a justificativa, a origem e a definição do problema, além dos objetivos e a descrição dos capítulos.

## **1 INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa tem origem em meu caminhar pessoal e acadêmico, definido no meu desejo de contribuir no processo da aprendizagem das crianças da 5ª série do ensino fundamental que apresentam dificuldade de ler e escrever. Portanto, é importante salientar algumas considerações sobre a minha infância e adolescência, vividas no município de Euclides da Cunha Paulista, uma cidade de pequeno porte, situada às margens do rio Paranapanema.

Na minha infância, sempre fui cercada de livros pois minha mãe era professora da única escola da cidade e os professores que davam aula nesta mesma escola mantinham um círculo de amizade bastante forte. Nos encontros no fim da tarde e nos finais de semana o assunto era sempre a escola e a dificuldade em ensinar os alunos a ler e a escrever. Eu acompanhava minha mãe no período noturno, pois a escola era longe e não havia luz elétrica, o gerador era desligado após o término da aula e eu acompanhava minha mãe na volta para casa.

Nessa época, minha mãe e os professores desenvolveram um projeto que incentivava a leitura dos alunos com apoio de livros, revistas e gibis que arrecadavam em suas casas ou por doações feitas pelos fazendeiros da região.

Mais tarde, já na minha adolescência, num trabalho desenvolvido pela professora de Português da minha escola, visitávamos casas da minha cidade e

fazíamos a leitura de contos, poesias e pequenos textos retirados dos livros didáticos para alunos das séries primárias; e, foi neste contexto, que percebi a minha identificação com o mundo das letras e a vocação para ajudar as crianças a ler e a escrever.

No ano de 1986, em caráter excepcional, ainda como aluna do magistério, trabalhei como professora alfabetizadora em uma sala da 2ª série do ensino fundamental (ciclo I), e foi nesta experiência que constatei as angústias do grupo de professores que freqüentavam minha casa.

Foi assim que decidi cursar Letras e percebi que a educação era mesmo a minha vocação. Em 1988, ingressei no curso de Letras da Faculdade do Oeste Paulista (Unoeste), em Presidente Prudente. Durante os anos de estudo na universidade, percebi que meus amigos professores também enfrentavam as mesmas dificuldades quanto à leitura e à escrita de seus alunos.

Essa inquietação me fez prosseguir os estudos na mesma faculdade, no curso de Pedagogia. Na fase de complementação, elaborei um projeto em parceria com a escola da minha cidade “A leitura é a minha vida” na tentativa de contribuir com algumas idéias para equacionar esse grave problema com alunos do ensino fundamental.

Quando completei meus estudos na faculdade, ingressei como professora na mesma escola em que estudei e em que minha mãe foi professora; durante as reuniões de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e de planejamentos, discutíamos como poderíamos desenvolver ações para melhorar a qualidade de ensino, a leitura e a escrita destes alunos que entravam na 5ª série já que muitos também tinham problemas de alfabetização.



No ano de 1999, com a implementação do Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo), iniciado em 1997 em todo o Estado de São Paulo, nossa escola foi contemplada com a chegada de dez computadores, que foram instalados em uma sala ampla e com espaço para desenvolver atividades com 40 alunos. Nesse mesmo ano, os professores receberam formação para trabalhar com a sala de informática. Este ambiente novo aumentava mais minha vontade em utilizar esses recursos para focá-los na aprendizagem da leitura e da escrita.

Em 2001, recebi formação para ser a orientadora da Oficina de Inglês “More Than Word”; durante o ano capacitei 80 professores do Ensino Médio, e constatei que os cursos de formação não estavam chegando até os alunos.

No decorrer de toda esta trajetória pude observar que, apesar de meu amadurecimento como pessoa e como profissional, ainda me angustiava o fato de como eu poderia contribuir para a melhoria da aprendizagem da leitura e da escrita destes alunos que adentram o ensino fundamental (ciclo II). Assim, esta pesquisa de mestrado consiste na realização de mais uma etapa de minha vida, centrada na expectativa de contribuir para a melhoria da qualidade de ensino e proporcionar aos educadores o contato com experiências de ensino que possam ser aplicadas nas escolas públicas, utilizando as salas de informática.

Valente (1993) lembra que a Informática Educacional exige reflexões sobre o computador e seus recursos, sobre o aluno, sobre a forma como o computador deve ser usado, sobre o *software*, que proporciona um ambiente computacional para as atividades educacionais, e sobre o professor, que pode intermediar todo o processo.

Portanto, sabemos que o papel do professor além de mediador, poderá ser o de orientador sobre o uso do ambiente computacional, uma vez que, se for usado sem objetivos bem definidos, ele não contribuirá para o processo da aprendizagem.

Segundo Papert (1984, p. 7), as crianças entraram em um apaixonante e duradouro caso de amor com os computadores, já que “O que elas fazem com os mesmos é tão variado quanto suas atividades.”

Neste sentido, as crianças usam o computador nas situações as mais diversas; e aproveitando-se disso os educadores podem incorporar esta ferramenta na prática educacional já que vai auxiliá-los na aprendizagem, enriquecendo o mundo da leitura e contribuindo para a escrita.

A escola é, sem dúvida, um lugar apropriado para ensinar as crianças a utilizar o computador; cabe aos educadores orientar seus alunos quanto ao uso adequado dele e mostrar os perigos do seu uso indiscriminado pois, formando cidadãos, a escola não pode se esquivar a este propósito.

Ao invés, de nos perguntarmos se “devemos ou não devemos ensinar” temos de nos preocupar em dar às crianças ocasiões de aprender. (FERREIRO, 2001, p.103).

*“A informática trará novas possibilidades ao processo de ensino aprendizagem, resultando em um processo mais eficiente, mais confortável e mais feliz”.* Sabemos que o uso do computador deverá ocasionar momentos de aprendizagem, portanto, ele deve ser utilizado como uma ferramenta no processo de ensino e aprendizagem. (ALMEIDA 2000, p. 67).

De acordo com a Constituição Federal Art. 205, a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Sendo assim, segundo Paulo Freire, (2006, p. 30) “Quem não tem esperança na educação (...) deverá procurar trabalho em outro lugar”.

Acreditando que o uso do computador contribui para aprendizagem dos alunos no que diz respeito à leitura e a escrita e que somente através da Educação é que teremos um mundo mais justo e fraterno é que dei continuidade ao meu trabalho de pesquisa.

Para tanto, é preciso saber como vamos utilizar esta tecnologia, de que forma vamos utilizar e quais são os objetivos propostos para este trabalho.

Sabe-se que o uso das tecnologias na educação ainda é muito recente e que toda transformação requer do professor mudança de paradigma. Portanto, é importante lembrar aqui que as dificuldades de leitura e escrita têm sido motivo de muita discussão e de propostas de projetos para amenizá-las. Desenvolver habilidades de leitura e escrita utilizando a tecnologia computacional poderá, de fato, contribuir para a formação de leitores e escritores mais competentes.

A fim de buscar alternativas que proporcionem a construção de um conhecimento mais contextualizado é necessário que o professor procure se familiarizar com esta tecnologia disponível na escola e utilize a favor da aprendizagem. Necessitamos de criatividade, de novas formas de trabalho, de novas metodologias, porque o foco principal das mudanças centra-se em novas formas de pensar a educação.

Diante dessas afirmativas questiona-se: os alunos respondem ao uso da tecnologia no processo ensino-aprendizagem? O que demonstram as ações desenvolvidas no processo da leitura e da escrita? Quais são os resultados alcançados?

Esses questionamentos deram origem a minha pesquisa com o objetivo de apresentar aos educadores um outro olhar para a sala de informática, ao utilizar os computadores da escola para implementar suas aulas, ao propiciar, uma aprendizagem mais prazerosa e desafiadora contribuindo no processo de aprendizagem da leitura e da escrita dos alunos.

A presente pesquisa foi desenvolvida com alunos de 5ª série de uma escola pública estadual, que apresentavam dificuldades de leitura e escrita. Para tanto, foi utilizado o laboratório de informática, explorando as possibilidades de leitura e da escrita. As atividades envolveram, primeiramente, a leitura e discussão; em seguida passaram à produção textual. Os processos da pesquisa buscaram criar um ambiente propício de aprendizagem, que pudesse dar condições para as crianças construírem seus conhecimentos de forma significativa.

Levando em consideração os assuntos acima relacionados, definiu-se o seguinte problema: como podemos utilizar a tecnologia computacional para melhorar a aprendizagem das crianças no que diz respeito à leitura e à escrita?

Para tanto o objetivo geral desta pesquisa foi:

- identificar os avanços no processo da leitura e escrita utilizando a tecnologia computacional disponível em uma escola da rede pública estadual do município de Presidente Prudente/SP, com

alunos da 5ª série do ensino fundamental que apresentam dificuldades em leitura e escrita.

Objetivos específicos:

- Investigar os possíveis avanços na leitura e escrita alcançados com o uso de tecnologia computacional;
- Analisar os resultados obtidos com o uso do computador e seus aplicativos (*word, paint, power point e internet*) na construção da leitura e escrita.

Este trabalho foi esquematizado em cinco capítulos:

O primeiro capítulo é propriamente a introdução e abrange a justificativa, a relevância, definição do problema e os objetivos.

No segundo capítulo, discuti-se o uso do computador no processo ensino- aprendizagem dos alunos; e busca elucidar a questão dos paradigmas educacionais; a introdução da informática na escola; os cursos de formações oferecidos aos professores da rede e a contribuição do computador no desenvolvimento intelectual do aluno.

O terceiro capítulo trata de definições sobre leitura e escrita, mostrando um pouco da trajetória de ambas e como o computador pode ser utilizado para ajudar na aprendizagem dos alunos.

O quarto capítulo especifica a metodologia utilizada, suas etapas, o local da pesquisa e a caracterização dos sujeitos estudados.

O quinto e último capítulo trata da análise de resultados dos progressos alcançados pelos alunos na leitura e na escrita, começando pelo

diagnóstico inicial, quando eles fizeram uma produção de texto; em seguida, foram aplicadas, junto aos alunos, as intervenções pedagógicas, utilizando-se todos os recursos da sala: *word, power-point, internet e softwares* educativos; e, finalmente, a produção final, quando foi possível elaborar um estudo detalhado dos trabalhos e acompanhar os avanços alcançados com a pesquisa.

No capítulo a seguir, detalha-se o histórico do uso das tecnologias nas escolas brasileiras e, principalmente, da tecnologia computacional; será feita, também, uma comparação entre o velho e o novo paradigma sobre as capacitações de professores para utilização desta tecnologia e indicados os cursos oferecidos para esse projeto.



## Capítulo II

# Fundamentação Teórica

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo, apresento a fundamentação teórica sobre as tecnologias na escola, a importância de um novo olhar para elas, a formação dos professores e a necessidade de se elaborar um ambiente construcionista.

### **2.1 Tecnologias na Escola**

Sabemos que as tecnologias fazem parte da escola e da vida dos alunos; portanto, é importante que sejam usadas a favor da aprendizagem. Como os alunos já utilizam o computador no seu cotidiano, os professores devem se esforçar para tornar uma prática habitual o uso desta ferramenta também no contexto da escola.

Esse reconhecimento favorece a inclusão do uso do computador e como sua utilização pode contribuir nas atividades dos docentes com seus alunos.

A tecnologia computacional pode e deve ser utilizada como mais uma ferramenta de aprendizagem, favorecendo a formação do indivíduo não só no aspecto cognitivo mas também no humano.

Sabemos que nossa sociedade já foi oral e, nesse tempo, a preservação do conhecimento era feita através da oralidade, como relata Lévy (1993, p. 77) “Na oralidade primária a palavra tinha como função básica a gestão da memória social, não a simples livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana”.



Com a chegada da escrita e com a possibilidade de registrar os fatos, a humanidade avançou. A escrita passou a ser o instrumento técnico para a preservação e a transmissão do conhecimento.

Agora podemos dizer que estamos na sociedade da informação, do conhecimento digital; assim, as escolas não podem ficar fora dessa realidade presente na vida extra-escolar dos alunos. Sabemos que tanto a leitura quanto a escrita estão inseridas nesse contexto digital e que muito pode ser feito no que diz respeito à utilização desses recursos para a aprendizagem.

No item a seguir, veremos o compromisso dos autores dos Parâmetros Curriculares Nacionais com a concepção construtivista e com a necessidade do professor rever seus conceitos e mudar paradigmas.

### **2.1.1 Paradigmas de ensino**

Os autores do texto introdutório dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) assumiram um claro compromisso com a concepção construtivista de aprendizagem e ensino, mas o caráter sintético da exposição dificulta, algumas vezes, a percepção de importantes implicações desse comprometimento. (AZANHA, 2005).

Tanto nos objetivos educacionais que propõem quanto na contextualização do significado das áreas de ensino e dos temas da vida social contemporânea, os PCNs buscam caminhos para o enfrentamento dos problemas do ensino no Brasil, os quais se arrastam já por muito tempo. Colocações de educadores com forte referencial acadêmico induzem a uma visão da tradição do ensino no Brasil, apontando os seus problemas e chegando a um novo paradigma de educação para fundamentar os objetivos dos PCNs.

De acordo com Libâneo (1986); o que condiciona a prática escolar é a realização do trabalho docente a partir das relações sóciopolíticas que configuram diferentes concepções de homem e sociedade e, conseqüentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno e técnicas pedagógicas.

Assim, a forma com que os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam o conteúdo das matérias, ou escolhem técnicas de ensino e de avaliação está sujeita, clara ou veladamente, a determinadas propostas teórico-metodológicas.

Mas, com a introdução dos computadores na sociedade e sua crescente popularização decorrente da facilidade de uso, de interfaces amigáveis, de *softwares* acessíveis e do barateamento dos equipamentos, aconteceu a verdadeira revolução na forma de escrita ao se utilizar esta ferramenta. Esses novos recursos tecnológicos, representados principalmente por editores de textos e hipertextos, adicionaram à escrita maior flexibilidade e eficiência individual na maneira de gerar e imprimir textos, facilidades até então distantes das pessoas, de uma maneira geral, já que o meio mais popular e barato de fazer cópias de textos era o mimeógrafo.

Certamente o computador é um instrumento que permite editar imagens, e, na maioria das vezes, suas instruções são fornecidas por ícones, mas é também certo que o computador se constitui, antes de tudo, em um meio alfabético (na sua tela aparecem linhas com palavras), e para usá-lo é preciso ser capaz de escrever e ler.

Segundo Puga (2001, p.6), “a motivação, a criatividade e a metacognição querem do aluno e do professor competências cognitivas e a autonomia deve ser levada em conta na consecução do processo de ensino-aprendizagem”. Daí a importância de repensar o papel de teorias como as de Piaget nesse mesmo processo (SPRINTHALL [19--?]; CANDEIAS, 1994, p. 453).

A teoria piagetiana estabelece uma continuidade entre o desenvolvimento e a aprendizagem sob a ótica do sujeito, que, em interação com um objeto de conhecimento, desenvolve “um processo de reinvenção ou descoberta devido à sua atividade estruturadora” (CASTORINA, 1996, p. 22).

Neste contexto, é importante que os alunos tenham uma maior autonomia para que possam construir uma aprendizagem significativa e reconstrutiva a fim de atingir os objetivos propostos levando-os a contextualizar seus conhecimentos e a utilizá-los no cotidiano.

Diante disso, sabemos da necessidade de romper com paradigmas que muitas vezes estão presentes no dia-a-dia da sala de aula.

Parafraseando Paulo Freire (1978), poderíamos dizer: “ninguém educa ninguém, ninguém é educado por ninguém; os homens se educam juntos, em comunhão”.

Vejamos no quadro abaixo o professor que surge neste novo paradigma, um professor que caminha junto com seus alunos, ensinando e aprendendo.

QUADRO 1 - Diferenças entre o velho paradigma e o novo paradigma.

<b>No velho Paradigma ...</b>	<b>No novo Paradigma ...</b>
<p>o professor é leitor, lente [do latim: lecionar]. Houve época em que o professor apenas lia a matéria do dia, talvez até discorresse sobre um ou outro ponto, e marcava as avaliações sobre o assunto. Mesmo tendo evoluído em relação a tal prática, ainda vemos em nossa década aulas muito expositivas, em que o conteúdo é quase "lido" para os alunos.</p>	<p>o professor é orientador do estudo. Um novo perfil de professor é delineado: ele é aquele que orienta o processo da aprendizagem e, ao invés de pesquisar pelo aluno, ele o estimula a querer saber mais, desperta a sua curiosidade sobre as questões das diversas disciplinas e encontra formas de motivá-lo tornando o estudo uma tarefa cada vez mais interessante.</p>
<p>o aluno é um receptor passivo, que ouve as explicações do professor - aquele que sabe muito mais do que ele - e vai tateando em busca daquilo que acredita que o professor deve desejar que ele aprenda, diga, pense ou escreva.</p>	<p>o aluno é agente da aprendizagem, tornando-se um estudioso autônomo, capaz de buscar por si mesmo os conhecimentos, formam seus próprios conceitos e opiniões, responsável pelo próprio crescimento.</p>
<p>sala de aula: ambiente de escuta e recepção, onde o ideal é que ninguém converse, todos fiquem atentos para saber repetir posteriormente o que o professor explicou.</p>	<p>sala de aula: ambiente de cooperação e construção em que, embora se conheçam as individualidades, ninguém fica isolado e todos desejam partilhar o conhecimento.</p>
<p>a experiência passa do professor para o aluno: o aluno aprende o que o professor já sabe, já pesquisou - e somente aquilo.</p>	<p>troca de experiências entre aluno/aluno e professor/aluno: orientador e orientando aprendendo juntos.</p>
<p>o aluno aprende e estuda por obrigação, por pressão da própria escola, por medo de notas baixas, por ansiedade de não ir para a recuperação durante as férias ...</p>	<p>o aluno aprende e estuda por motivação. As coisas são degustadas, saboreadas internamente, e existe grande prazer na busca dos novos conhecimentos. Aprender é crescer.</p>
<p>conteúdos curriculares fixos, numa estrutura rígida que não prevê brechas nem modificações.</p>	<p>conteúdos curriculares atendem a uma estrutura flexível e aberta, em que cada aluno pode traçar os próprios caminhos.</p>

<p>tecnologia: desvinculada do contexto. Um retro projetor ou um projetor de slides são usados como instrumentos esporádicos para tornar determinado assunto mais agradável. Às vezes o professor não sabe utilizá-los e é comum que não funcionem, atrasando a aula e irritando a todos.</p>	<p>tecnologia: está dentro do contexto, como meio, instrumento incorporado. A televisão, o computador e a conexão em rede passam a ser excelentes meios pelos quais diferentes conhecimentos chegam à sala de aula. O visual é atraente, e vem acompanhado de som. As possibilidades abertas são infinitas.</p>
<p>tecnologia: ameaça para o homem. O professor teme ser substituído por um computador com o qual ele não pode competir. A escola tenta evitar uma sociedade em que os homens valham menos do que as máquinas, e a tecnologia passe a ser o centro do universo.</p>	<p>tecnologia: compreendida como instrumento a serviço do homem. O professor utiliza a tecnologia como recurso para estimular a aprendizagem. A escola tenta formar uma sociedade em que o homem seja o centro e utilize a tecnologia a serviço do bem de todos.</p>
<p>os recursos tecnológicos são manipulados pelo professor, que prepara anteriormente o que vai usar e comanda projeções de slides, apresentações de transparências, ...</p>	<p>os recursos tecnológicos são manipulados pelo professor e pelos alunos; idealmente, cada um tem acesso ao computador e aluno e professor trocam idéias e conhecimentos.</p>

Fonte: RAMAL (1997, p. 12).

Pode-se observar que neste novo paradigma descrito no quadro acima, uma das práticas mais importantes é a do conhecimento construído, buscado pelo grupo, partilhado. A criatividade passa a ser o ponto alto, num momento em que novos caminhos de aprendizagem podem ser valorizados e já não se tenta obedecer a um único padrão de estudo. À medida que o saber é construído, ocorre a partilha dos conteúdos e das experiências. Isso legitima o conhecimento, pois o expõe às críticas, às divergências e enriquece a pesquisa de todos.

Veremos, no item abaixo, como foi a chegada dos computadores na rede pública do estado de São Paulo.

### **2.1.2 Entrada de Computadores na Rede Pública do Estado de São Paulo**

Faremos aqui um breve relato sobre a história da informática na Educação no Brasil e, em seguida, discorreremos sobre a entrada dos computadores na rede Pública do Estado de São Paulo.

O uso do computador na educação aqui no Brasil, assim como nos outros países, teve início com algumas experiências em universidades, no princípio da década de 70. Na UFRJ, em 1973, o Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde e o Centro Latino-Americano de Tecnologia Educacional (NUTES/CLATES) usou o computador no ensino de Química, através de simulações. Na UFGS, nesse mesmo ano, realizaram-se algumas experiências usando simulação de fenômenos de física com alunos de graduação. O Centro de Processamento de Dados desenvolveu o software SISCAL para avaliação de alunos de pós-graduação em Educação. Na UNICAMP, em 1974, foi desenvolvido um software, tipo CAI, para o ensino dos fundamentos de programação da linguagem BASIC, usado com os alunos de pós-graduação em Educação, coordenado pelo Prof<sup>o</sup>. Ubiratan D' Ambrósio e financiado pela Organização dos Estados Americanos. E, em 1975, foi produzido o documento "Introdução de Computadores no Ensino do 2º Grau", financiado pelo Programa de Reformulação do Ensino (PREMEN/MEC) ; nesse mesmo ano, aconteceu a primeira visita de Seymour Papert e Marvin Minsky ao país, os quais lançaram as primeiras sementes das idéias do Logo (VALENTE; ALMEIDA, 1997, p. 52).

Desde 1997 as escolas públicas do estado de São Paulo vêm sendo equipadas para atender aos alunos da rede pública com o objetivo de implementar a

aprendizagem com algo novo e atender a demanda dos alunos que convivem com essa tecnologia no dia-a-dia.

O histórico de implementação do programa de introdução da informática pedagógica na Rede Pública de Ensino envolve os aspectos que serão detalhados a seguir:

1. Aquisição e distribuição de equipamentos;
2. Recursos para preparação do ambiente físico nas escolas;
3. Análise e aquisição de *softwares*;
4. Acesso à Internet;
5. Instalação e manutenção de infra-estrutura para capacitação de professores;
6. Capacitação de professores;
7. Parcerias;
8. Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações;
9. Projeto Aluno Monitor;
10. Banco de dados.

Segundo a secretaria de Educação, desde 1997 já foram equipadas 2.931 escolas estaduais, das quais 2.560 com dez computadores e as demais com cinco máquinas. Além dos equipamentos, os alunos e professores dessas escolas contam com possibilidades de acesso à Internet, disponibilidade de *softwares* educacionais e apoio técnico-pedagógico feito em centros de capacitação em informática – os chamados Núcleos Regionais de Tecnologia Educacional – NRTE.

Em 2001, cerca de 1.600 escolas compraram computadores para equipar novas salas de informática ou para aumentar o número de equipamentos nas já existentes. As Associações de Pais e Mestres receberam recursos da Secretaria da Educação, conduziram os processos licitatórios assessoradas pelas Diretorias de Ensino, e adquiriram 11 mil computadores para serem utilizados na área pedagógica.

As unidades escolares de São Paulo também receberam equipamentos do Proinfo - Programa Federal de Informatização de escolas, executado pelo Ministério da Educação. Para que as escolas possam receber computadores, são necessários dois requisitos:

- a) motivação da comunidade escolar;
- b) disponibilidade de espaço físico de, no mínimo, 36m<sup>2</sup>.

Segundo a GIP - Gerência de Informática Pedagógica para que alunos e professores tenham um ambiente apropriado e seguro para a utilização dos equipamentos de informática, a Secretaria da Educação, antes de enviar os equipamentos, descentraliza recursos através da APM para que a sala tenha uma rede elétrica independente e segura, com conduítes, tomadas e disjuntores dentro das normas e canaletas especiais para a rede lógica dos computadores. As escolas também recebem dinheiro para adquirir mobiliário adequado, ergonômico, que permita conforto e facilidade para o trabalho coletivo e movimentação do professor. (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2005).

Na maior parte das escolas do Estado há 10 computadores, interconectados por meio de *hub*, com acesso compartilhado à Internet, *scanner*, impressoras e *webcam*. Cada PC está numa mesa de, no mínimo, 1,20 m, com duas cadeiras equipadas com rodízios.



Para melhor visualização, o quadro II apresenta a situação atual da informatização das escolas públicas do estado de São Paulo até 2005:

QUADRO 2 – Retrato das escolas em relação às tecnologias

<b>52.039</b> escolas públicas (29,8%) com 308.539 computadores
<b>23.719</b> escolas públicas acessam Internet (13,6%)
<b>27.664</b> escolas públicas (15,8%) com uso pedagógico
<b>10.227</b> escolas públicas (5,8%) com mais de 10 computadores
<b>83.532</b> escolas públicas com 167.712 com Televisão
<b>5.000</b> escolas públicas beneficiadas com o ProInfo

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (2005).

Com os dados do quadro II podemos ter um panorama de como se encontram equipadas as escolas públicas do estado de São Paulo. Esses espaços deverão ser utilizados no processo de ensino e aprendizagem, com o intuito de garantir a inserção dos alunos no mundo globalizado e informatizado. A seguir, trataremos de alguns projetos em parceria com instituições públicas e privadas.

A - Projeto Aluno Monitor: prevê a formação de alunos para apoiar os professores na utilização da sala-ambiente de informática. Os alunos atuarão na preparação do ambiente, incluindo a abertura da sala, ligação e checagem dos equipamentos, disponibilização de *softwares*, na anotação das atividades realizadas e dos usuários dos equipamentos; na preparação de pastas e diretórios para a gravação dos resultados dos trabalhos.

Nesse projeto está previsto para o aluno um curso de 100 horas presenciais, dividido em módulos e intercalado por acompanhamento e assessoria à

distância, em que ele receberá conhecimentos básicos de informática, configuração e manutenção de rede, Internet e conexões, instalação e configuração de softwares e de pequenos consertos.

Para manter o controle na distribuição de equipamentos, o órgão da Secretaria da Educação responsável pelo projeto mantém um banco de dados com número de alunos desde 1998, objetivando o acompanhamento das escolas atendidas e/ou a serem atendidas, além dos dados de professores capacitados.

Com este projeto a escola pôde contar com os alunos monitores no acompanhamento de professores nas salas de informática e garantir, assim, maior utilização das salas. Quanto às estatísticas, elas variam de escola para escola; mas, segundo a própria secretaria, houve um avanço significativo no uso das salas com a chegada dos alunos monitores.

B - Projeto Enlaces-Brasil: envolve escolas de diversos países latino-americanos, africanos e asiáticos; ele tem por objetivo criar comunidades virtuais de professores e alunos, usando metodologias de projetos telecolaborativos baseados em Internet. Nesse projeto, os alunos podem conhecer, virtualmente, escolas de outros países.

Os alunos no projeto Enlaces participaram somente como visitantes e observadores dos temas do projeto (frutas típicas dos países), e de como era feita a comunicação entre eles.

C - Projeto Educar e Aprender que tem como objetivo trabalhar com professores e alunos de escolas de ensino fundamental, utilizando a Internet. Este projeto internacional utiliza recursos existentes que permitem que professores e

alunos do Brasil e do Canadá troquem informações e realizem atividades conjuntas; ele também possibilita a troca de experiência e a utilização da Internet como recurso de interação entre escolas. Os alunos conseguiram fazer somente uma interação e trocaram e-mail com uma escola no município de São Paulo.

D - Projeto Trilhas e Letras: foi, sem dúvida, o projeto mais utilizado pelos alunos durante este estudo. Esse projeto propõe a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação pelos professores e alunos das quintas e sextas séries como apoio ao desenvolvimento de ações voltadas às questões de leitura e de produção de texto em aulas de recuperação e reforço. Com este recurso, os alunos pesquisados puderam interagir com alunos da 6ª série que desenvolviam aulas de reforço no laboratório. Todas as atividades desenvolvidas no projeto Trilhas e Letras foram de suma importância para esta pesquisa.

No item abaixo, conheceremos alguns dos cursos oferecidos pela rede para a formação de professores da rede pública.

### **2.1.3 Formação de Professores para Utilização da Tecnologia Computacional na Rede Pública**

Com a implantação das salas de informática nas escolas, houve a necessidade de formar os professores para a utilização dos softwares e aplicativos com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino.

A seguir, serão apresentados os cursos de capacitação que foram oferecidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, visando preparar os professores para trabalhar com as salas de informática e fazer uso dos materiais contidos nelas. O ensino fundamental e o ensino médio receberam tanto os

materiais para a sala de informática como os cursos de capacitação que foram oferecidos pela Secretaria da Educação, através das diretorias de ensino. O objetivo desse projeto era atingir, com os materiais e a capacitação, todas as escolas e todos os professores da rede pública do estado.

QUADRO 3 – Cursos da Secretaria da Educação oferecidos aos professores da rede.

<b>CURSOS OFERECIDOS</b>	<b>ANO</b>
Ensino Fundamental	
Conhecimentos Básicos em Informática	2000
Ensino Fundamental - Softwares	2000
Sherlock Português	2000
Cabri-Géometre	2000
Sherlock Inglês	2000
Sim City	2000
Explorador	2000
Supermáticas	2000
Permanência e Mudança	2000
Ensino Médio	
Liter@rte	2001
More Than Words	2001
Desvendando a Natureza	2001
Um X em Questão	2001
Somos um Universo Dentro de Nós Mesmos	2001
Internet na Educação	2001

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (2005).

Os cursos acima foram oferecidos pela secretaria quando ocorreu a formação continuada de professores, os quais, eventualmente, formaram outros

professores; os softwares utilizados nesse processo estão presentes nas escolas de ensino fundamental (ciclo II e ensino médio).

Sabemos que a maioria dos professores não estava preparada para lidar com a tecnologia computacional com seus alunos, principalmente no que diz respeito à utilização dos computadores como mais um recurso didático oferecido para a melhoria da qualidade de ensino para a inserção dos alunos no acelerado processo tecnológico atual.

Juntamente com a chegada dos primeiros computadores nas escolas, em 1997, deu-se início ao programa de capacitação de professores. No período compreendido entre 1997 e 2005, aproximadamente 54.000 professores participaram de ações de capacitação.

Os cursos tiveram carga horária média de 35 horas e foram oferecidos nos Núcleos Regionais de Tecnologias Educacionais (NRTEs) ou em escolas escolhidas para servirem como pólo. Nesse período, a maior oferta foi a de Cursos de Introdução à Informática, que tratavam basicamente de sistema operacional e de aplicativos como planilha eletrônica, editor de textos e slides de apresentação.

Na mesma época, teve início a capacitação para o uso de *softwares* educacionais na sala de aula, oferecidos aos professores multiplicadores, Assistentes Técnicos Pedagógicos (ATP), que atuavam nas Oficinas Pedagógicas das 89 Diretorias de Ensino.

Em 2000 e 2001, com os NRTEs em pleno funcionamento e com os professores multiplicadores dominando as possibilidades pedagógicas da informática, a Secretaria de Estado da Educação (SEE) desenhou e ofereceu oficinas de *softwares* educacionais para os professores de cada uma das disciplinas

do Ensino Fundamental que atuam em escolas com sala-ambiente de informática. No período, foram realizadas no Estado de São Paulo oficinas de capacitação em informática pedagógica, das quais participaram 101.034 professores que atuam da 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental.

Esses professores freqüentaram cursos formatados especialmente para suas disciplinas de atuação, com duração de 30 horas. Foram oferecidas seis oficinas: Supermáticas; Ciências; Sherlock Português; Sherlock Inglês, Cabri e SimCity.

Em 2002, o foco da formação dirigiu-se aos professores do Ensino Médio. Foram 60 mil vagas destinadas aos professores. Nesse caso, foram seis oficinas, todas baseadas em *softwares* educacionais e apoiadas em materiais como textos teóricos e literários, músicas, vídeos e Internet. A concepção e a montagem das oficinas foram fruto de um trabalho coletivo de professores multiplicadores dos NRTEs, técnicos da Gerência de Informática Pedagógica (GIP) da FDE e especialistas.

Houve também ações de formação em Internet especialmente desenhadas para o Professor Coordenador Pedagógico das escolas com sala de informática. Para essa capacitação foi contratada a Escola do Futuro.

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo é um laboratório interdisciplinar que investiga como as novas tecnologias de comunicação podem melhorar o aprendizado em todos os seus níveis. Implementada em 1989, em 1993 ela foi transferida para o âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa, incumbida de criar um ambiente na Internet para apoiar o trabalho dos professores com seus alunos. Foi criado, então, o *site* [www.toligado.futuro.usp.br](http://www.toligado.futuro.usp.br). Participaram deste projeto 5.600

professores, dois de cada uma das escolas com SAI os quais, posteriormente, orientaram os outros professores.

Toda a metodologia tem como expectativa colocar o professor e seus alunos em contato com as várias possibilidades das tecnologias hoje disponíveis na escola, em especial a TV Escola, os *softwares* educacionais, os aplicativos e o acesso aos serviços e conteúdos disponíveis na Internet.

Os professores estão revendo paradigma, repensando algumas metodologias que vinham sendo usadas e, aos poucos, estão se transformando em professores mediadores que não só acompanham o processo de aquisição do conhecimento pelos seus alunos como com eles aprendem.

A seguir, serão apresentadas as duas abordagens de uso das TIC pelos professores.

#### **2.1.4 Abordagens: Instrucionista e Construcionista**

Papert identifica diversos aspectos que distinguem o construcionismo do instrucionismo. Entre eles vale salientar: (PAPERT, 1994, p. 124-125).

Para o instrucionismo, a melhor aprendizagem decorre do “aperfeiçoamento do ensino”, enquanto o construcionismo não nega o valor da instrução, mas coloca a atitude construcionista como um paradoxo que tem a meta de “produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo ensino”. Isso não significa que a aprendizagem ocorra espontaneamente, mas sim que os professores precisam fomentar em sua prática os processos de aprendizagem ditos naturais, que ocorrem independentemente dos métodos educativos tradicionais.

Temos, segundo Papert, duas correntes que permeiam o

desenvolvimento do ambiente computacional: o Instrucionismo e o Construcionismo, responsáveis por como o uso deste ambiente é introduzido no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Com a implantação da informática na educação, tem se questionado a posição dos professores frente aos métodos utilizados e a necessidade de mudar paradigmas. Para isso, é importante que o computador seja utilizado a favor da aprendizagem.

Segundo Valente (1993), o computador pode ser usado na educação como máquina de ensinar ou como máquina para ser ensinada.

#### 1 – Construcionismo

“Nesta abordagem o computador não é o detentor do conhecimento, mas uma ferramenta tutorada pelo aluno e que lhe permite buscar informações”. (ALMEIDA 2000, p. 32).

Estas informações podem ser associadas e integradas nas atividades desenvolvidas na SAI, permitindo que os alunos possam construir conceitos e elaborar novas atividades.

Segundo Almeida (2000) o uso dos aplicativos como processador de texto propicia ao aluno a construção de conhecimentos a partir de suas próprias ações (físicas ou mentais).

A experiência tem mostrado que crianças que têm dificuldades com redação podem, através do uso de um processador de texto, passar, em poucas semanas, de uma total rejeição da atividade de redação para um total envolvimento nessa tarefa, além de mostrar sensíveis melhoras na qualidade de seus



textos(CHAVES, 1985).

No desenvolvimento da pesquisa foi possível perceber o interesse e o envolvimento dos alunos com as atividades no processador de texto e os resultados puderam mostrar melhoras na produção escrita dos alunos envolvidos na pesquisa.

O uso do computador, segundo a abordagem construcionista, torna evidente o processo de aprender de cada indivíduo, o que possibilita refletir sobre o mesmo a fim de compreendê-lo e depurá-lo. Dessa forma, pode-se pensar em uma transformação no processo ensino-aprendizagem, passando a colocar “a ênfase na aprendizagem ao invés de colocar no ensino; na construção do conhecimento e não na instrução...” (VALENTE, 1993, p. 20).

E é nesta concepção Construcionista que se deu todo esse trabalho de pesquisa, buscando criar um ambiente propício de aprendizagem, em que todos os alunos puderam aprender e colocar em prática seu aprendizado, transformando as informações adquiridas em conhecimento.

## 2 – Instrucionismo

A maior parte de tudo o que tem sido feito até hoje sob o nome genérico de tecnologia educacional ou computadores em educação acha-se ainda no estágio da composição linear de velhos métodos instrucionais com novas tecnologias. (PAPERT, 1994, p. 56)

Nas escolas, ainda vemos o uso de computadores somente como máquina que ensina, onde alunos estudam textos ou executam atividades prontas, com metodologias que em nada acrescentam à sua aprendizagem.

Segundo Valente (1993), a abordagem instrucionista do uso da tecnologia no processo educacional não corresponde às exigências educacionais de hoje, pois esta abordagem garante puramente a transmissão do conhecimento.

Portanto, os alunos, de acordo com a abordagem instrucionista reproduzem atividades seguindo roteiros, sem nenhuma criatividade e, conseqüentemente, em nada acrescentam ao processo ensino-aprendizagem.

As escolas ainda estão presas a procedimentos centrados unicamente na presença do professor como detentor do saber.

Conforme Almeida (2000, p. 25), “os microcomputadores são incorporados como mais um meio disponível. Não há reflexão sobre a possibilidade de contribuir de modo significativo para a aprendizagem”. E segundo a mesma autora, o currículo é o mesmo, a diferença é a maneira do professor transmitir informações, o que se dá através dos computadores. A escola adquire os programas educacionais e o computador é utilizado dentro de uma perspectiva de ensino instrucionista, servindo somente como máquina de ensinar.

Os softwares educacionais existentes, nas escolas em sua maioria, nada acrescentam à aprendizagem dos alunos, pois em grande parte são como cartilhas eletrônicas, não despertam a criatividade e não são interativos.

Como relata um provérbio popular africano: se um homem tem fome, você pode dar-lhe um peixe, mas é melhor dar-lhe uma vara e ensiná-lo a pescar – constata-se sua aplicabilidade ao se considerar que a *Educação Tradicional codifica o que ela pensa que os cidadãos precisam saber e parte para alimentar as crianças com este “peixe”*. Assim, o *Construcionismo* é gerado sobre a suposição de que as

crianças farão melhor descobrindo ("pescando") por si mesmas o conhecimento específico de que precisam. (PAPERT, 1994, p. 125).

Portanto, no ambiente escolar, e com a chegada da tecnologia computacional, a visão do professor frente ao uso da SAI deve ser vista como um momento de construção colaborativa, onde aluno e professor caminham juntos (pescam juntos).

A seguir, faremos algumas considerações sobre a leitura e a escrita, evidenciando as competências leitoras e escritoras que deveriam ser prioridades nas escolas.

## **2.2 Considerações Sobre a Leitura e a Escrita**

Veremos agora algumas considerações sobre a leitura e a escrita na escola e como se poderá utilizar o *Word*, o *PowerPoint* a *Internet* e os *Softwares* Educacionais no processo ensino aprendizagem nestes dois campos.

A leitura e a escrita são uma parte importante da evolução da sociedade, pois o "ingresso das sociedades ocidentais na cultura da escrita foi uma das principais evoluções da era moderna" (ARIÈS, 1992, p.113).

Na escola, o uso da tecnologia também é uma evolução dentro do contexto da mesma, podendo ser empregado para criar um ambiente de aprendizagem, colaborando no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Segundo pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1985), constatou-se que a criança, ao aprender a ler e a escrever, reconstrói para si o processo histórico da

escrita.

Portanto, durante as aulas, os procedimentos utilizados pelos professores precisam criar as condições para o aluno contextualizar o que está sendo ensinado, para que ele possa construir o processo de sua aprendizagem.

Diante disso, a escola tem procurado desenvolver a leitura e a escrita de forma significativa e contextualizada, levando em consideração os conhecimentos que os alunos trazem de suas vivências. Entretanto, sabemos que nem todos os alunos trazem de suas casas uma maior aproximação com livros ou com ambientes que estimulem a leitura e a escrita.

E, de acordo com Smolka (1998, p. 110), "[...] as crianças aprendem a escrever escrevendo e para isso lançam mão de vários esquemas: perguntam, procuram, copiam, inventam, combinam [...]".

Seguindo essa afirmação do autor - "as crianças aprendem a escrever escrevendo" - é que a escola deve proporcionar um espaço que favoreça a leitura e a produção de textos que eles sejam contextualizados e que façam parte da vivência desses alunos além de contribuir para um melhor resultado nas avaliações internas e externas.

A avaliação interna é promovida pelo professores e deve ser diagnóstica, formativa e contínua, avaliando os avanços em relação à aprendizagem.

A avaliação externa, neste caso, foi o Saesp/2004, realizado na escola, onde foram detectadas, tanto na avaliação interna quanto na externa, algumas habilidades nas quais os alunos apresentaram mais falhas, tais como:

- estabelecer relações entre o texto escrito (verbal) e os recursos gráfico-visuais ali presentes;
- identificar tema, conflito gerador ou outros elementos da organização e estrutura da narrativa;
- Localizar no texto informações explícitas;
- Reconhecer o tema / assunto do texto.

Portanto, de acordo com os resultados das análises feitas pelos professores da escola, chegou-se à conclusão que os alunos lêem pouco, não escrevem direito e não conseguem interpretar o que o texto pede.

Diante dos fatos, os professores precisam utilizar não somente o espaço da sala de aula para ensinar a ler e a escrever. Todos os ambientes da escola, biblioteca, sala de informática, bem como o entorno da escola são lugares de leitura e de escrita, e também são lugares de ensinar e aprender com seus alunos.

Orenztejn e Golveia (2006, p. 35), no livro *Práticas de Leitura e Escrita*, relatam que para formar usuários da língua é necessário planejar situações didáticas,

em que a leitura e a escrita entrem pelos poros de cada aluno, façam parte de sua vida. É preciso que o aluno ocupe sistematicamente a posição de leitor e escritor para praticar, para construir o hábito, para se sentir embalado pelo prazer da autoria, para vivenciar as surpresas das metáforas poéticas, para se divertir com os ritmos das palavras, para se sentir redimido pela imaginação, para poder ser arrebatado pelo conhecimento.

Os professores precisam criar em suas aulas espaços de leituras prazerosas e com textos interessantes que despertem nas crianças o gosto pela leitura. A escrita é, conseqüentemente, o resultado das leituras feitas e discutidas em sala com os demais alunos, devendo ser estimulada de forma a desafiá-los a

escrever. Nesta dissertação, o ambiente computacional está sendo utilizado no sentido de despertar o leitor e o escritor que há em cada aluno, fazendo com que ele possa sentir o gosto e o prazer de ler e escrever e, dessa forma avançar na aprendizagem dessas habilidades.

Assim, veremos a seguir, outros aspectos da trajetória da escrita e a importância dela na vida das crianças.

### **2.2.1 Conhecendo Melhor a Escrita**

Nesse item apresentamos dados sobre a escrita dentro do contexto da escola e da vida dos nossos alunos.

Segundo Sampson (1996), a invenção da escrita ocorre bem mais tarde que o surgimento da linguagem. A escrita apareceu depois da chamada "revolução neolítica" e sua trajetória pode ser dividida em três fases: pictórica, ideográfica e alfabética. Entretanto, não se pode seguir uma linha cronológica nessa divisão. A fase pictórica corresponde aos desenhos ou pictogramas; a ideográfica é representada pelos ideogramas, que são símbolos gráficos e a alfabética se caracteriza pelo uso de letras que assumem a função de escrita.

Sabemos que a língua portuguesa é bastante complexa e que saber ler muitas vezes não significa que o aluno saiba escrever, ou vice-versa. O aluno tem muita dificuldade no que diz respeito à ortografia e à estrutura das palavras. Assim, muitas vezes o aluno lê e não sabe representar, na escrita, o que leu.

Entretanto, Ferreiro e Teberosky (1985), com o livro "Psicogênese da Língua Escrita" apresentaram informações sobre uma questão ainda inexplorada

que pode oferecer ao alfabetizador dados que podem conduzir, de maneira mais eficiente, a sua prática pedagógica. De acordo com a Psicogênese da língua, as pessoas não alfabetizadas já possuem conhecimentos sobre a língua e, ao iniciarem o processo de alfabetização, percorrem quatro fases da escrita: a pré-silábica, a silábica, a silábico-alfabética e a alfabética.

Sendo assim, apropriar-se do sistema da escrita depende de todo um processo de conhecimento que o aluno já traz de sua vida e do ambiente em que vive. A escola, portanto, não pode ficar fora do contexto de seus alunos, que já são leitores e escritores. Embora ler seja diferente de escrever, as duas atividades se completam.

Linguagem e escrita são dois sistemas de signos distintos sendo que, “a única razão de ser do segundo é de *representar* o primeiro”, (SAUSSURE, 1969, p. 45). Portanto, a escrita tem sido bastante cobrada na escola dando ênfase na construção de uma escrita significativa e fundada em atividades contextualizadas que facilitam o processo da aprendizagem. Sabemos ainda que a escrita é o resultado de um trabalho bem feito de leitura prévia. Vamos conhecer então, o desafiante mundo da leitura que possibilita um mundo novo aos alunos, transportando-os para os mais variados lugares e situações.

### **2.2.2 Falando Sobre a Leitura**

“Ler é melhor que estudar” (Ziraldo)

Fazer com que os alunos leiam é um dos maiores desafios da escola. Fazer da leitura um hábito e desenvolver nas crianças esse gosto é abrir o

fascinante mundo que ela pode mostrar o que é, sem dúvida, um dos objetivos do trabalho escolar, talvez o mais importante deles.

A leitura faz parte da vida de todos nós e a comunicação, na maioria das vezes, se faz por meio da fala; por isso, ela promove uma interação entre os povos e isto ocorre também na escola.

Segundo Perrotti (1999), há uma distinção entre leitor e leitor, como relata aqui: “Entre um e outro vai uma grande distância”. O leitor é aquele que em nada acrescenta ao ato de ler simplesmente decodifica as letras. Já o leitor se envolve com o texto, participa da leitura.

Portanto, ao desenvolver a leitura em sala de aula é necessário, que os professores escolham bem seus textos e proporcionem aos alunos uma leitura prazerosa, interessante e envolvente, fazendo-os leitores de fato.

Leffa (1996, p. 22), nos ensina que na leitura é necessário considerar o papel do leitor, o papel do texto e o processo de interação entre o leitor e o texto:

Leitura implica uma correspondência entre o conhecimento prévio do leitor e os dados fornecidos pelo texto. Leitor e texto são como duas engrenagens, correndo uma dentro da outra; onde faltar encaixe nas engrenagens, leitor e texto se separam e ficam rodando soltos. Quando isso acontece, o leitor fluente, via de regra, recua no texto, retomando-o num ponto anterior e fazendo uma nova tentativa. Se for bem sucedido, há um novo engate e a leitura prossegue.

A leitura se torna fonte de conhecimento e de significado quando se consideram o leitor, o autor, o contexto em que se dá a leitura e o momento sócio-histórico no qual o leitor e o autor se acham inseridos.

Nesse sentido, a escola vem desenvolvendo ao longo dos anos, várias estratégias para despertar nos alunos o interesse e o hábito pela leitura,



incentivando a criação das mais variadas situações de leitura. O que ocorre ainda é que alguns professores não perceberam que a leitura não se restringe apenas aos textos didáticos. Todavia, é importante que eles aprendam a utilizar os demais espaços da escola para desenvolver atividades de leitura.

No entanto, sabemos que as escolas ainda encontram dificuldades quanto a formar leitores competentes, embora tenham avançado muito no decorrer dos anos. Apesar do avanço tecnológico e de todo o incentivo dado à formação de professores, é grande a distância entre o discurso teórico e as práticas de leitura nas séries iniciais do ciclo II.

As escolas têm demonstrado interesse em desenvolver projetos para incentivar a leitura e a produção de textos. Por seu lado, a secretaria da educação, através de Projetos como “Trilhas de Letras”, tem se preocupado em atender aos alunos que ainda apresentam dificuldades na leitura e na escrita.

Jolibert (1994) enfatiza que o ato de aprender a ler é complexo. A compreensão situa-se no cruzamento de eixos que são o conhecimento do próprio funcionamento do ato lexical e dos processos de leitura; o conhecimento lingüístico do funcionamento da língua escrita; a teoria do aprendizado usada como referência e a forma de atuação das interações, adulto/criança e indivíduo/coletividade.

As interações ocorridas no processo de aprendizagem correspondem a um ponto importante que dá sentido à presença das crianças na escola e ao seu aprendizado. Sabemos que nossas crianças criam expectativas quanto a aprender e isso, sem dúvida, estimula e garante a permanência delas na escola. É importante frisar que na escola, a escrita é apenas um dos muitos elementos de um complexo meio de vida. Quando as crianças chegam à 5ª série, ainda com problemas de

alfabetização dificultando o processo de aquisição da leitura, essas interações necessárias não ocorrem.

Foucambert (1994) aponta o processo da leitura como a atribuição voluntária de um significado à escrita. Por isso, para ele, saber decifrar não significa saber ler. O mesmo Foucambert (1994) atesta que durante a década de 60, no século XX, a escola defrontou-se com um problema de leitura que não conseguiu superar até nossos dias. Até aquela data, aprender a ler era, apenas, aprender a atribuir um significado à escrita. Hoje, sabe-se que o ato de ler engloba um universo de conhecimentos muito mais amplo, muito mais diversificado e muito mais rico.

Diante desse fato, sabemos que a leitura para muitos ainda é atribuir significados. Entretanto, trabalhos interessantes têm sido elaborados na escola com o objetivo de desenvolver a leitura de forma interessante e contextualizada.

Freire (1987) realça o valor de compreender o texto e de contextualizar as situações lidas, quando afirma que ler não é ter diante dos olhos uma página escrita e soletrá-la cadenciada e mecanicamente. Ler não é decodificar um texto para, em seguida, se preocupar com a concordância verbal e nominal. A crítica dele se deve ao fato de que na escola se pratica a leitura de texto para estudar gramática. Utiliza-se um belo texto para uma leitura mecânica e repetitiva; depois, ele é destrinchado gramaticalmente, deixando de lado a sua compreensão, ou seja, aquilo que se diz nas entrelinhas.

Portanto, é preciso trazer a leitura para o contexto escolar, os alunos precisam ter acesso aos mais variados meios de leitura para, de fato, poder entender os seus mecanismos. É preciso ainda um trabalho significativo de professores que estejam realmente envolvidos no processo ensino-aprendizagem

dos alunos, que incorporem as tecnologias e as utilizem no sentido de contribuir para o aprendizado de leitura nas escolas públicas.

No item abaixo veremos a utilização do computador no processo da aquisição da leitura e da escrita.

### **2.2.3 O uso dos aplicativos *Word, PowerPoint, Internet e dos Softwares Educacionais na aquisição do processo da Leitura e da Escrita***

Com a implantação das SAI nas escolas foi possível introduzir, durante as aulas dos alunos, o uso do computador como o objetivo da aquisição da leitura e da escrita. Os alunos são conhecedores da tecnologia computacional e já a utilizam para obter informações e as mais diversas possíveis. Cabe à escola organizar estas informações e buscar, dentro de cada especificidade (disciplina), transformá-las em conhecimento fundamentados em conceitos adquiridos na escola sob a mediação dos professores.

“As velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso que se esteja em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo.” (KENSKI, 1997).

A utilização da tecnologia computacional no processo da leitura e da escrita envolve professores e alunos em um trabalho de reconhecimento das oportunidades que a tecnologia oferece e através dos aplicativos como o *Word, PowerPoint Internet e softwares*, os quais proporcionam aulas interessantes que contribuem no processo da aprendizagem da leitura.

Assim, o professor precisa desmistificar o uso do computador e passar

a utilizá-lo como uma ferramenta no seu cotidiano que vai favorecer seu trabalho em sala de aula.

O computador não resolverá os problemas de aprendizagem. Almeida (2002, pp. 7-8), equaciona bem o problema:

O mundo mudou. O conceito de alfabetização mudou. A leitura deste mundo não pode ser feita com os mesmos instrumentos e códigos com que se faziam as leituras dos mundos passados. [...] Paulo Freire dizia que ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler permite a interpretação. É necessário também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo: escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade.

Portanto, cabe aos educadores utilizar esta tecnologia no seu cotidiano possibilitando aos alunos um espaço de aprendizagem significativa, de interação com o mundo em transformação e sua inclusão no mundo digital.

Segundo Valente (1997), o computador, assim como o livro, o vídeo, a televisão, o rádio, entre outros, deve ser utilizado como um recurso que vai auxiliar o professor no processo de ensino–aprendizagem, e não como um elemento motivador dos alunos. “O uso inteligente do computador não é um atributo inerente ao mesmo, mas está vinculado à maneira de como nós concebemos a tarefa na qual ele será utilizado”.

Como já foi dito anteriormente, o computador deve ser visto como uma ferramenta a mais à disposição dos educadores para o desenvolvimento de atividades que colaborem no processo da aquisição da leitura e da escrita.

O aplicativo *Word* foi usado nas atividades de produção de textos e o teclado como facilitador no processo da escrita, já que oferecia um alfabeto à disposição dos alunos.

Entendemos que a utilização do *Word* nesta pesquisa, com alunos que apresentavam dificuldades de leitura e escrita, foi para facilitar a produção de textos, já que eles estavam com as letras disponíveis à disposição o tempo todo, o que possibilitou um avanço em relação ao texto manuscrito.

Já o uso do *PowerPoint* nas atividades propostas utilizando imagens possibilitou uma maior interação e criatividade. Sabemos também que a linguagem escrita associada à linguagem visual é um recurso muito utilizado pois apresenta bons resultados nas produções escritas.

Portanto, o *PowerPoint*, pode ser usado como um auxiliar nas atividades de leitura e produção de textos, possibilitando apresentações entre eles, o que contribui também para a socialização das atividades, provocando discussões e avanços na aprendizagem.

Conforme Ramal (1997), autora especializada em educação e tecnologia, a linguagem usada na Internet realmente é diferente da usada na escola. "A *web* é o lugar onde a comunicação tem de ser fluida e móvel, o que reforça um tipo de escrita mais informal e direta", explica ela.

A autora acredita que, a longo prazo, esses novos códigos acabarão incorporados na fala e na escrita da nova geração. "Isso é um reflexo da mudança natural da sociedade e da própria linguagem". (RAMAL, 1997).

Na escola, já podemos observar traços desta nova linguagem no cotidiano dos alunos, sendo que a escrita também apresenta traços desta linguagem do computador.

O uso da *Internet* pelos alunos os tem levado a ler mais e a escrever mais; logo, é possível utilizar esta prática também na escola.

Entretanto, sabemos que a Internet pode e deverá contribuir para desenvolver habilidades de leitura e escrita. Cabe portanto, aos professores, buscar essas informações e utilizá-las a favor da aprendizagem. Neste contexto, os alunos, serão sem dúvida, incentivadores dos professores. Eles buscarão juntos, a melhor maneira de aprender.

O uso de softwares educacionais na escola tem como objetivo implementar as aulas; se eles não forem utilizados dentro de um contexto, em nada acrescentarão à aula do professor. Os softwares devem ter algumas características que possam contribuir no processo da aprendizagem - conteúdo bem objetivo; proporcionar interatividade e criatividade; ser estimulante e desafiador e, sobretudo, interessante ao aluno.

A escola tem recebido da secretaria de estado da educação vários softwares educacionais para uso na sala de informática, mas nem todos favorecem sua aplicabilidade nas aulas e alguns deles nada acrescentam aos objetivos propostos. Portanto, segundo Papert (1985), os professores têm muita dificuldade em selecionar o software mais adequado para os objetivos educacionais e para os seus alunos.

Neste trabalho de pesquisa, os alunos, puderam conhecer os softwares disponíveis na SAI. O escolhido para as atividades foi o "Trilha de Letras"- que proporcionou uma maior interatividade e enriquecimento no objetivo proposto para leitura e escrita.

Veremos agora outros autores que discorrem sobre a importância do computador na aprendizagem da leitura e da escrita.

Na tese de doutorado em Educação escrita por Elisa Tomoe Moriya Shlünzen (2000) “Mudanças nas Práticas Pedagógicas do Professor. Criando um Ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo para Crianças com Necessidades Especiais Físicas” - a autora mostra em seu trabalho, o uso do computador no processo de aprendizagem de crianças com necessidades especiais.

Na dissertação de mestrado em Educação de Patrícia Cardoso Soares (2007) - “Crianças com Dificuldades de aprendizagem: Uma Experiência com o Software Trilha de Letras” - a autora busca investigar possíveis contribuições para a leitura e para a escrita com a utilização do software Trilhas de Letras.

Na tese de doutorado de Sirlei de Fátima Albino (2006) “- Estudo Evolutivo das Percepções Infantis no Uso de Ferramentas Computacionais” - a autora utiliza o editor de textos, buscando desvendar o que acontece com o processo criativo das crianças na faixa etária entre sete e dez anos.

Na dissertação de mestrado em Educação de Marcia Stemmer (1993) “O Computador e a Alfabetização: Estudo das concepções subjacentes nos softwares para a Educação Infantil”, a autora usou o computador com crianças na pré-escola.

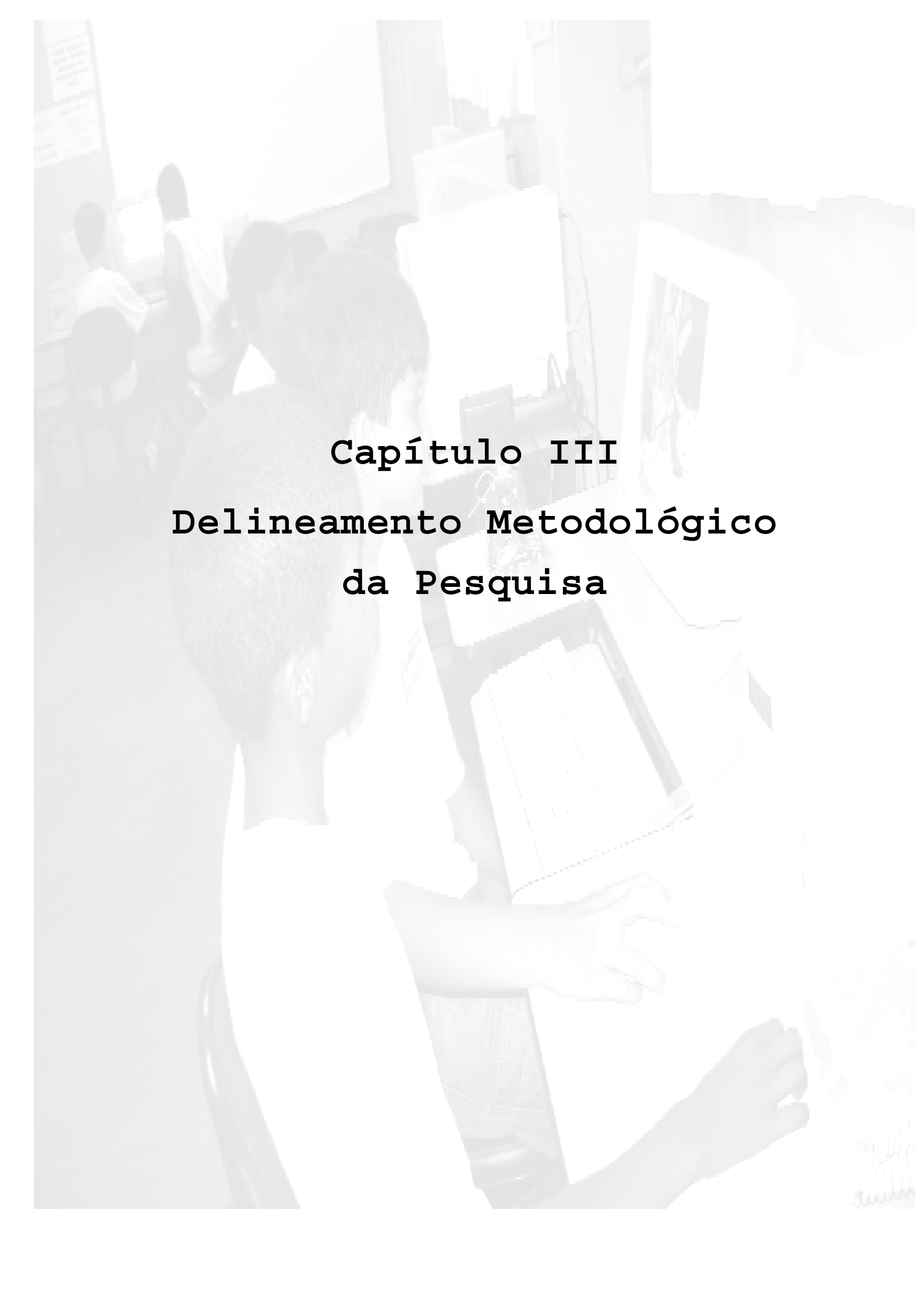
Os autores acima mostram nos seus trabalhos de pesquisa que o computador pode ser utilizado para enriquecer o processo de aquisição da leitura e da escrita, que auxilia o professor nas atividades com crianças com necessidades especiais, alfabetização ou no uso de softwares educacionais.

Portanto, o que difere meu trabalho de pesquisa dos demais foi a utilização do computador no processo de aquisição da leitura e da escrita, possibilitando uma aprendizagem contextualizada e significativa. Os alunos puderam construir conceitos e a aprendizagem se deu a partir da sua realidade. Moram (2000), relata que na sociedade da informação em que vivemos, estamos todos reaprendendo a conhecer, a nos comunicarmos, a ensinar e a aprender.

Segundo Belloni (1999), os professores têm papel fundamental ao apropriar-se das tecnologias da informação e da comunicação, empregando-as como ferramentas e recursos pedagógicos.

A escola não pode ficar fora do contexto atual onde a globalização e a informação estão presentes na vida social e escolar dos alunos. Sendo assim, os educadores deverão mudar de postura em relação às tecnologias e incorporá-las no dia-a-dia da vida escolar dos seus alunos.





**Capítulo III**  
**Delineamento Metodológico**  
**da Pesquisa**

Apresentaremos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos, a caracterização do ambiente e dos sujeitos participantes e o relato da pesquisa.

### **3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Já no começo do século XXI, as crianças aprenderão a ler e escrever com máquinas editoras de texto. Saberão servir-se dos computadores como ferramentas para produzir sons e imagens. Gerirão seus recursos audiovisuais com o computador, pilotarão robôs... (...) O uso dos computadores no ensino prepara mesmo para uma nova cultura informatizada. (LÉVY, 1998, p. 29).

#### **3.1 Procedimentos Metodológicos**

De acordo com Porlan (1996), no modelo de investigação na escola, surge uma proposta metodológica que possibilita uma nova e poderosa intervenção no processo educativo, como alternativa a propostas ainda muito presentes em nossa realidade escolar, como os modelos tradicionais e tecnológicos.

Optamos, nesta pesquisa, pela abordagem qualitativa, em uma investigação que caracterizou um estudo de caso de um grupo de alunos, de idades entre 10 e 13 anos, estudantes da 5ª série do ensino fundamental de uma escola pública estadual do município de Presidente Prudente.

Segundo Triviños (1987), na pesquisa qualitativa seguem-se, basicamente, os mesmos passos de qualquer investigação, ainda que não tão rigidamente quanto na pesquisa quantitativa. A coleta e a análise dos dados da

pesquisa qualitativa não são estanques, pois as informações são recolhidas, analisadas, interpretadas e podem originar novas buscas de dados.

Ainda segundo Triviños (1987), são elencados três diferentes tipos de estudos: os exploratórios, os descritivos e os experimentais. E, pelo fato da pesquisa ocorrer no laboratório de informática, escolhemos o tipo exploratório e o descritivo.

A pesquisa qualitativa envolveu alunos com as mais variadas dificuldades quanto à leitura e a escrita.

O método de investigação possibilitou intervir e reestruturar as atividades ao longo da pesquisa; e, ainda durante a investigação, (re) construir novos caminhos para se chegar aos objetivos propostos no início da pesquisa.

As análises foram feitas levando-se em consideração o crescimento individual de cada sujeito da pesquisa.

Veremos agora a caracterização do ambiente onde ocorreu a pesquisa.

### **3.2 Caracterização do Ambiente da Pesquisa**

O processo de investigação desta pesquisa se deu em relação ao grande número de alunos que adentram a 5ª série do ensino fundamental com sérias dificuldades de leitura, escrita e alfabetização. O laboratório de informática da escola foi utilizado para a criação de textos das mais variadas formas.

Através de muitas imagens e passeios virtuais, os sujeitos pesquisados puderam realizar um trabalho significativo dentro do contexto do mundo da leitura e da escrita, nos meses de junho a novembro de 2005.

De acordo com a “Proposta Pedagógica da Escola”, documento que direciona todo o trabalho da equipe escolar, e que aqui será denominada de “escola AFM”, observou-se que a Unidade Escolar oferece cursos do Ensino Fundamental Ciclo II (5ª a 8ª série) e Ensino Médio.

A Unidade Escolar localiza-se no município de Presidente Prudente/SP, na vila Marina, abaixo da linha do trem. O prédio está bem distribuído em dois andares; o terreno da escola é irregular, terminando na quadra que fica bem abaixo do nível da entrada principal.

A escola foi criada pelo Decreto Estadual nº. 41.056, de 26 de Novembro de 1962, sendo denominado de Grupo Escolar da Vila Marina, de 2º estágio, em Presidente Prudente e instalado na data subsequente, 27/11/62. Conhecer a história da instituição onde se trabalha é muito importante, porque seus indicadores históricos favorecem uma visão eclética da contemporaneidade e possibilita que se retrate a realidade escolar, com suas mudanças temporais e espaciais.

A escola tem como objetivo assegurar o acesso, a permanência e o sucesso da aprendizagem escolar, que são primícias da Educação Pública.“[...] Para que haja uma educação integral, deve existir o equilíbrio entre os valores mutáveis e os valores permanentes da vida humana.” (Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova – 1932).

O ambiente escolar da Escola AFM visa favorecer as relações interpessoais e intrapessoais, proporcionando uma aprendizagem quantitativa e qualitativa, a partir do conhecimento e da afinidade. Sua configuração define, portanto, esta Unidade Escolar como local propício à aprendizagem, já que a escola

apresenta um espaço físico muito bom, com salas amplas, bem iluminadas; laboratórios de ciências, de biologia, de química e de física; biblioteca com mesas redondas para leitura; sala de informática com *internet* em rede; sala de vídeo; e espaços como quadra e pátios favorecidos com árvores e bancos.

### **3.3 Sujeitos da Pesquisa**

A pesquisa foi desenvolvida com 12 alunos das 5ª séries do Ensino Fundamental (ciclo II), de uma escola pública da cidade de Presidente Prudente, situada na Vila Marina, que apresentavam dificuldades de leitura e de escrita.

Os alunos desta Unidade Escolar são oriundos de famílias de classes média baixa e baixa, cujos pais e familiares têm pouca escolaridade, sendo alguns analfabetos. Dessa forma, o maior prejudicado pelos problemas familiares é o aluno regular que, não tendo qualidade de vida ou incentivo suficiente para dedicar-se aos estudos, busca, em subempregos, uma forma de ajudar a sobrevivência familiar.

A maioria dos alunos vem de bairros próximos à escola; outros, porém, se deslocam de bairros mais distantes. Os alunos vindos da 4ª série do ensino fundamental apresentam dificuldade na leitura e na escrita, além dos problemas de alfabetização, diagnosticados nos índices do SARESP/94.

Na escola, além dos problemas de alfabetização, os alunos também apresentam problemas de disciplina, pois, por não dominarem o conhecimento, não conseguem desenvolver as atividades propostas pelos professores. Estes, por sua vez, não trabalham individualmente com estes alunos e, em regra geral, mandam-

nos para fora das salas de aulas ou para a biblioteca, onde também eles não produzem atividade alguma de leitura ou escrita, seja por desinteresse, seja por falta de orientação e estímulo.

Dessa maneira, freqüentemente, o tempo que estes alunos passam na escola é perdido na ociosidade ou em atividades desvinculadas da aquisição de conhecimentos formais. Assim sendo, a ação da escola configura, para esses alunos, mais uma espécie de exclusão.

Consideramos que os 12 alunos que participaram deste trabalho são capazes de aprender ou de solidificar o conhecimento já existente, falta-lhes, entretanto, uma metodologia adequada e a correta utilização dos recursos disponíveis na escola.

Apresentaremos, no quadro abaixo, os alunos participantes da pesquisa:

QUADRO 4 - Dados dos sujeitos participantes da pesquisa

Série	Nº de Alunos	Idades	Dificuldades
5ª série A	02	10 e 11 anos	Alfabetização
5ª série B	06	10 e 11 anos	Leitura, escrita e estrutura.
5ª série C	04	10 e 13 anos	Leitura, escrita, estrutura e ortografia.

Fonte: Elaborado pela autora, (2006)

Os alunos envolvidos na pesquisa apresentavam, de modo geral, algum tipo de dificuldade com a leitura e a escrita. Dois deles, que vamos chamar de aluno 1 e aluno 2, apresentavam sérias defasagens de alfabetização, constatadas no diagnóstico inicial, quando os alunos produziram um texto narrativo, utilizando uma figura ilustrativa. Seis alunos mostravam dificuldades de leitura, de escrita e de estruturação, enquanto quatro outros alunos, além das já citadas dificuldades de leitura, de escrita e de estruturação apresentavam também dificuldades de ortografia. O trabalho, durante a pesquisa, desenvolveu-se no sentido de construir um conceito de leitura e de escrita que, para a maioria deles, ainda não era concreto.

Outro dado relevante era que, quando se falava em leitura, esta se restringia somente ao fato de se ler um texto, nunca à leitura de uma figura, de um *outdoor* ou de uma cena de filme. A escrita também era mecânica, ou seja, traduzia-se somente em cópia de um outro texto; os alunos não tinham o hábito de ler, ficando somente a escola como espaço para leitura.

Os trabalhos desenvolvidos ao longo da pesquisa foram baseados e construídos com a colaboração de todos os alunos. O ambiente era preparado com o objetivo de se despertar o interesse pelas buscas, tendo-se como objetivo principal a leitura e a escrita; portanto, o ambiente proporcionava uma interação dos alunos com o objeto de estudo, integrando-se o objeto de estudo à realidade dos mesmos, buscando-se estimulá-los e desafiá-los, mas permitindo-se, ao mesmo tempo, que as novas situações criadas pudessem ser adaptadas à realidade deles.

A pesquisa fundamentou-se nas perspectivas construtivista e investigadora (PORLAN, 1996), nas quais a aprendizagem e o desenvolvimento

humano devem ser percebidos como elementos importantes no processo educativo. Assim sendo a aprendizagem centrada na interação aluno-professor, ela deve ser concebida como uma ação de construção do aluno (sujeito), mediada pelo professor, e o ensino deve ser visto como um conjunto de processos para favorecer a construção dos conhecimentos.

### **3.4 Relato da Pesquisa**

Decidiu-se realizar uma pesquisa que pudesse elucidar e auxiliar a compreender questões relacionadas à leitura e à escrita desses alunos utilizando a tecnologia disponível na escola e, mais especificadamente, a informática.

Iniciamos este trabalho com o estudo das diferentes e modernas teorias da aprendizagem com o objetivo de constatar quais seriam as metodologias que propiciariam a criação de um ambiente de aprendizagem utilizando essas tecnologias e que pudessem, de fato, contribuir para a melhoria da leitura e da escrita de alunos em defasagem.

Com a parceria do programa “Escola da Família”, projeto do governo do Estado de São Paulo que permite que a escola fique aberta aos sábados e domingos, houve maior possibilidade de desenvolver a pesquisa, utilizando as dependências da escola e, especialmente, a sala de informática.

O quadro abaixo permite visualizar, de modo geral, os encontros realizados e as ações da pesquisa.



QUADRO 5 – Encontros e ações realizados durante a pesquisa.

Dia	Mês	Local	Atividades
04/06	junho	Sala de aula	Diagnóstico com os alunos – produção de um texto narrativo manuscrito.
11/06	junho	Sala de aula	Análise das produções e diagnóstico dos alunos com dificuldades de leitura e escrita.
18/06	junho	SAI	Reconhecimento da sala, noções básicas dos micros e aplicativos (word, Power Point, internet...).
25/06	junho	SAI	Manuseio dos softwares educacionais e enciclopédias.
02/07	julho	SAI	Busca na internet no site da Turma da Mônica – “tira” do desenho (recorte e cola no word)
09/07	julho	SAI	Leitura da “tira” e discussão do grupo para a transcrição do texto.
16/07	julho	SAI	Transcrição do tira no word – alfabeto como facilitador
23/07	julho	SAI	Avaliação da produção do texto com o auxílio do word.
30/07	julho	SAI	Preparação e discussão para a etapa seguinte – PowerPoint
06/08	agosto	SAI	Produção do texto no PowerPoint, buscando imagens nas enciclopédias.
13/08	agosto	SAI	Apresentação dos textos no

			PowerPoint e discussão com o grupo.
20/08	agosto	SAI	Exploração das páginas de jogos na internet.
27/08	agosto	SAI	Exploração do projeto “Tô Ligado” interação com outras escolas.
03/09	setembro	SAI	Exploração com as telas do “Trilhas de Letras”.
10/09	setembro	SAI	Continuação do software “Trilhas de Letras”.
17/09	setembro	SAI	Realização das atividades da tela do software – (palavra cruzada)
24/09	setembro	SAI	Realização das atividades da tela do software – (forca)
01/10	outubro	SAI	Discussão do grupo sobre as atividades do “Trilhas de Letras”
22/10	outubro	SAI	Preparação com o grupo para produção final – manuscrita.
29/10	outubro	SAI	Pesquisa na internet de figuras para ilustrar as redações dos alunos 1 e 2.
05/11	novembro	Sala de aula	Produção final de um texto narrativo.
12/11	novembro	SAI	Encerramento da pesquisa e apresentação do material dos alunos – pasta com as produções e as intervenções.

Fonte: Elaborado pela autora, 2006.

Todo material coletado para a pesquisa foi elaborado em forma de textos e produzidos em sala de aula ou na sala de informática.

Realizamos, inicialmente, um estudo exploratório de todo o material disponível, dividindo as sessões de estudos com as crianças para que elas pudessem utilizar todas as tecnologias oferecidas. Nesse momento da vivência, o objetivo era observar como as crianças interagiam com esses ambientes e quais seriam os mais propícios para o que havíamos proposto.

Com o objetivo de analisar os resultados obtidos com o uso do computador e seus aplicativos (*word, paint, power point e internet*) na construção da leitura e escrita, demos início à pesquisa.

A primeira atividade foi uma produção manuscrita de uma narrativa com ilustração para diagnosticar quais eram as dificuldades dos alunos da pesquisa; foi nesta primeira atividade que constatamos que o aluno 1 e o aluno 2 não escreveram nada, somente ilustraram o texto com desenhos, como será visto no capítulo seguinte, através da análise dos resultados. Verificadas as dificuldades dos demais alunos, passamos para a primeira intervenção que se deu com o uso do *word*. Os alunos transcreveram um texto retirado do *site* da “Turma da Mônica” e foi possível constatar que o teclado funcionou como um alfabeto à disposição dos alunos, facilitando a transcrição do texto. Para o aluno 1 e o aluno 2, que não sabiam escrever, o teclado foi essencial para a finalização da atividade.

A partir de uma pesquisa usando as enciclopédias Abril, Encarta e *Internet*, foi possível oferecer aos alunos uma diversidade de opções para que eles tivessem maior contato com as variadas leituras (imagens, símbolos, cores), facilitando a interpretação e, conseqüentemente, o desenvolvimento de produções

escritas. Nesta atividade, os alunos fizeram uma leitura de todo o material e foram buscando imagens para a produção escrita que seria feita no *PowerPoint*. Os alunos usaram a criatividade e produziram, ao final, uma apresentação de PowerPoint. Os alunos 1 e 2, diagnosticados com problemas de alfabetização, construíram seus textos utilizando a ajuda do mediador e de seus colegas. Em seguida, todos fizeram a leitura de seus textos para os demais, socializando a atividade. Neste momento de leitura foi possível verificar que os alunos ainda apresentavam erros de ortografia e de estrutura.

Em seguida, em outra atividade, os alunos acessaram o *site* do Pátio Paulista no Projeto “Tô Ligado” e participaram de uma atividade com outra escola. O objetivo a ser alcançado era o de interação com outras escolas.

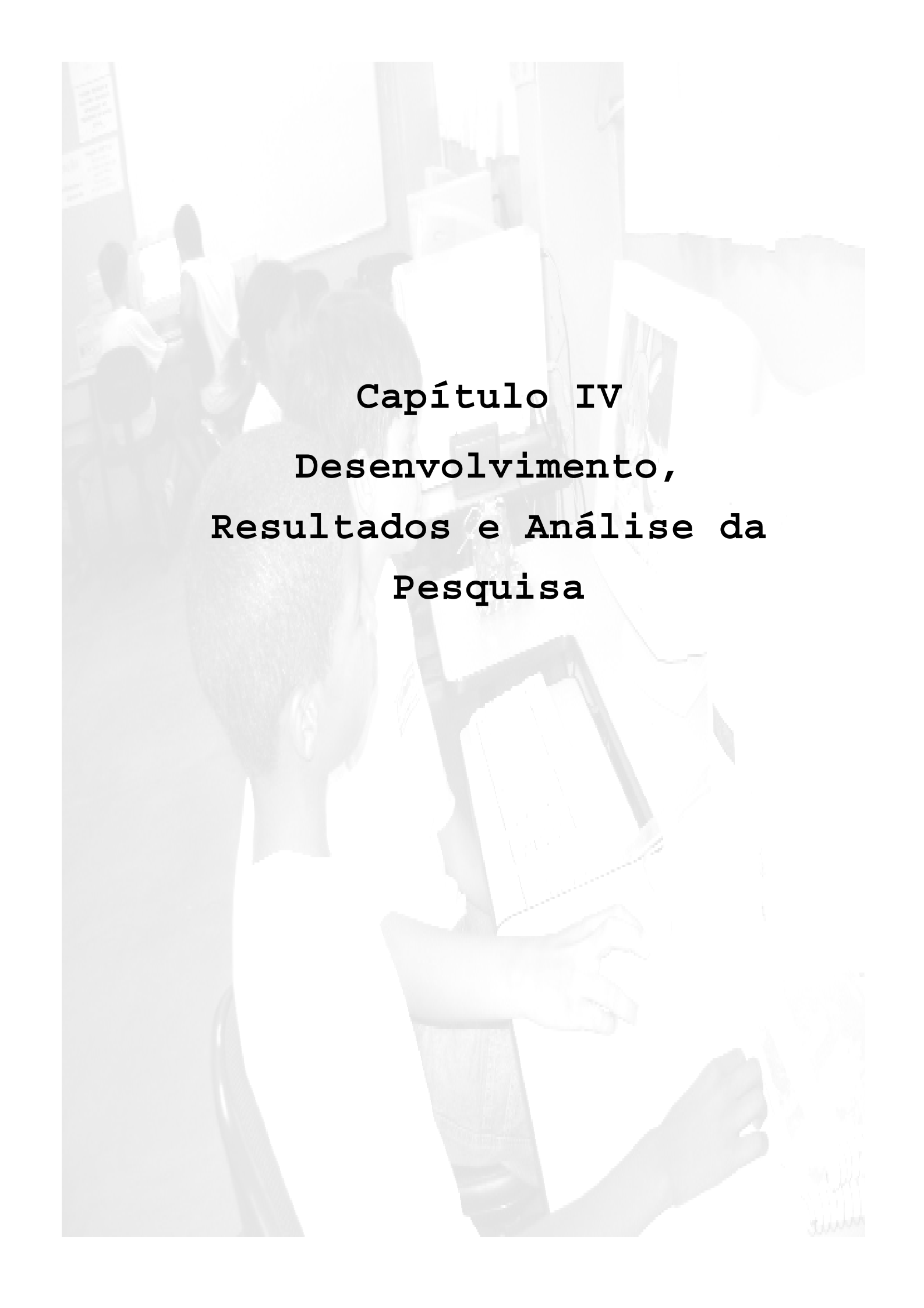
As buscas na internet e enciclopédias tinham como objetivo contribuir para a ampliação do mundo da escrita e da leitura. Quanto aos *softwares* educacionais que utilizamos, o mais usado pelas crianças foi o da “Trilhas de Letras” com resultados bem mais efetivos e pelo fato de ser mais interativo, as leituras foram mais significativas facilitando o desenvolvimento das produções. O “Trilha de Letras” foi usado durante toda a pesquisa, pois é direcionado à leitura e à escrita; nas escolas públicas ele é comumente usado em aulas de reforço e de recuperação paralela.

Outros aspectos considerados importantes foram as possibilidades de encontrar soluções para as questões propostas, diferentemente daquelas apresentadas pela escola, escapando, assim de atividades que vêm prontas e definidas. Se, ao criar hipóteses de escrita, é possível para o aluno comparar o que ele escreveu com a escrita convencional; se os recursos multimídia do programa lhe

proporcionam contato com diferentes formas de escrita e, ainda, ao usar a impressora, imprimir seu texto, preservando-o, permitindo repetidas situações de leitura.

Finalmente, após atividades envolvendo leitura e escrita nas mais diferentes situações, foi proposto ao grupo a elaboração de uma redação final manuscrita, com o objetivo de diagnosticar os avanços dos alunos em relação ao processo de aquisição tanto da leitura quanto de escrita.

Os alunos 1 e 2 buscaram ainda ilustrar suas produções com imagens do *site* da Turma da Mônica, pois ainda necessitavam de atividades diferenciadas dos demais alunos envolvidos na pesquisa. Eles produziram um texto manuscrito e foi marcante a diferença ao se comparar o resultado da primeira produção com o da produção final, fato que será apresentado no capítulo seguinte, com a análise dos resultados.



**Capítulo IV**  
**Desenvolvimento,**  
**Resultados e Análise da**  
**Pesquisa**

Apresentaremos neste capítulo o desenvolvimento, os resultados e a análise da pesquisa, divididos em três momentos distintos: o do diagnóstico inicial, o da intervenção pedagógica e o da avaliação final.

#### **4 DESENVOLVIMENTO, RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA**

No dizer de Guimarães Rosa: “Mestre não é aquele que muito ensina, mas aquele que, de repente, aprende”.

Na apresentação dos resultados desta pesquisa foi possível perceber claramente no desenrolar das atividades os <sup>1</sup>quatro pilares da educação: o saber conhecer, que possibilitou o desejo de conhecimento, de fazer mais e melhor; o saber fazer, que é colocar em prática aquilo que se aprendeu na teoria; o saber viver, que possibilitou conhecer o outro, a respeitar suas individualidades e principalmente, neste trabalho, a solidariedade pelo amigo, ajudando-se mutuamente; e, finalmente, o aprender a ser, que resulta na formação de indivíduos autônomos e independentes.

Portanto, o objetivo maior desta pesquisa que é a aquisição da leitura e da escrita se completa com a preparação dos jovens para intervir na sociedade em que vivem.

---

<sup>1</sup>Os quatro Pilares da Educação – Relatório apresentado para UNESCO por Jacques Delors

## 4.1 Diagnóstico Inicial

FERREIRO oferece-nos um instrumental de possibilidades de ver a criança no seu processo de aquisição da escrita, de verificar o que ela sabe e o que ela não sabe, porque é no que ela ainda não sabe, no que ela pode e tem condições de fazer com ajuda, com interferência do adulto, que o professor vai atuar. Nesse sentido, a descrição evolutiva ultrapassa o nível do diagnóstico e da avaliação inicial e contribui efetivamente para informar o desenho de situações de ensino/aprendizagem. (DURAN, 1991, p.108)

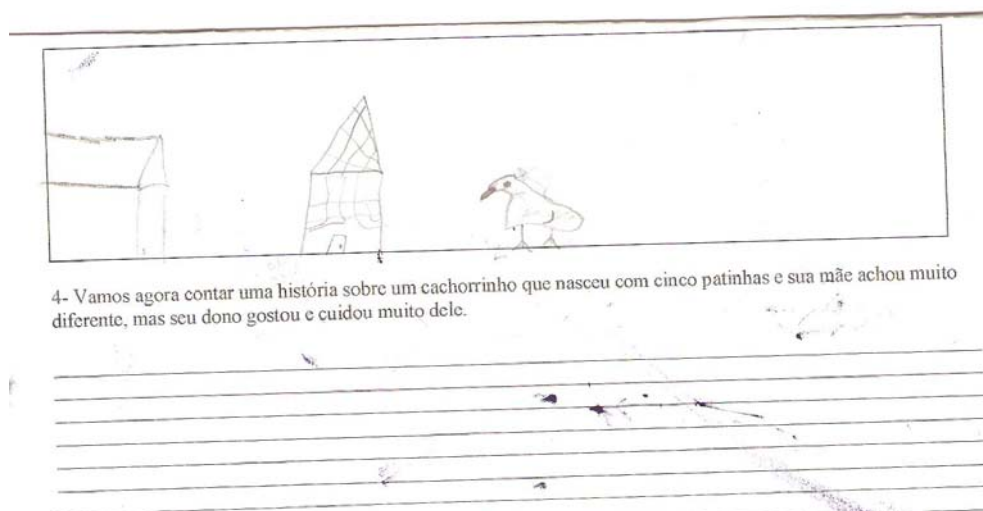
No início dos trabalhos de pesquisa foram diagnosticados, nas três quintas séries do ensino fundamental, alunos com dificuldades de leitura e de escrita. Todos eles apresentavam defasagens de aprendizagem.

Os alunos foram solicitados a produzir um texto com ilustrações, a partir de uma história conhecida, discutida antes em sala de aula. Com este diagnóstico foi possível iniciarmos os trabalhos.

Terminadas a produção e a ilustração do texto, os alunos fizeram sua leitura em voz alta para os demais alunos; nesse momento, pudemos observar as deficiências de leitura: alguns alunos apenas fizeram soletração das sílabas sem respeitar a pontuação, sem ritmo ou qualquer entonação.

Nessa fase inicial, identificamos dois alunos, aqui denominados aluno 1 e aluno 2, que não produziram nenhum texto escrito, mas somente desenhos, conforme pode ser observado nas Figuras 1 e 2.



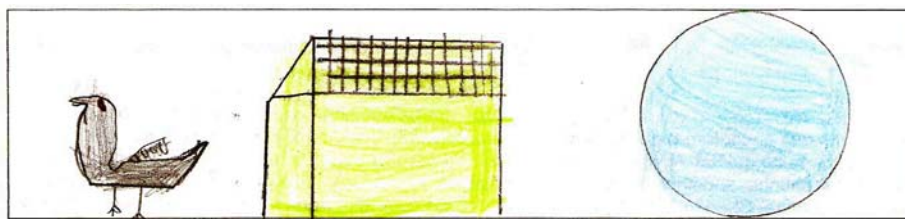


4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

FIGURA 1 – Produção inicial escrita do aluno 1 de 12 anos

O aluno 1 não produziu nenhum texto escrito e também não fez nenhuma leitura de seu desenho.

Segundo Ferreira (2002), o aluno com doze anos deveria estar na fase *ortográfica correta*, na qual, normalmente, dominam-se as regras básicas de ortografia, os sinais de acentuação, os grupos consonantais, e começa-se a acumular o vocabulário aprendido.



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

---

---

---

---

---

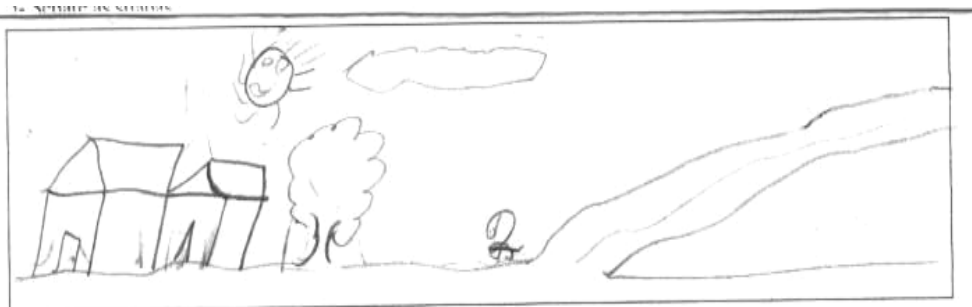
---

---

FIGURA 2 – Produção inicial escrita do aluno 2 de 12 anos

O aluno 2 também não produziu nenhum texto escrito; na leitura, tentou nos contar a história ouvida de outros alunos.

Após analisar as produções, foi possível constatar que os alunos 1 e 2 conhecem o alfabeto, mas não conseguem produzir texto algum. Quanto à leitura, ambos fazem somente soletração de palavras soltas, não conseguem formar e nem ler uma frase inteira ou com sentido.



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

*o cachorrinho*  
 Era uma vez numa fazenda um cachorro que teve um cachorro-  
 velho que tinha 5 patas e ele ficou muito triste  
 porque ele tinha medo, com medo de ser  
 da sua mãe que nasceu com 5 patas  
 e a mãe viu que tinha medo muito com cinco patas  
 ele ia fazer tanta coisa com medo e ele  
 com medo e ele ficou triste para a mãe  
 re?

FIGURA 3 - Produção inicial escrita do aluno 3 – 10 anos

O aluno 3 escreve com muita dificuldade, não organiza seu texto, engole letras e troca palavras. Na leitura, soletra as palavras com dificuldade e muitas vezes lê o que não escreveu.

O aluno 6 transcreve apenas palavras do enunciado sem nada criar. Há palavras que ele tenta escrever e não consegue. (Exemplo: “estranho” no lugar de “diferente”). Ver a Figura 4.

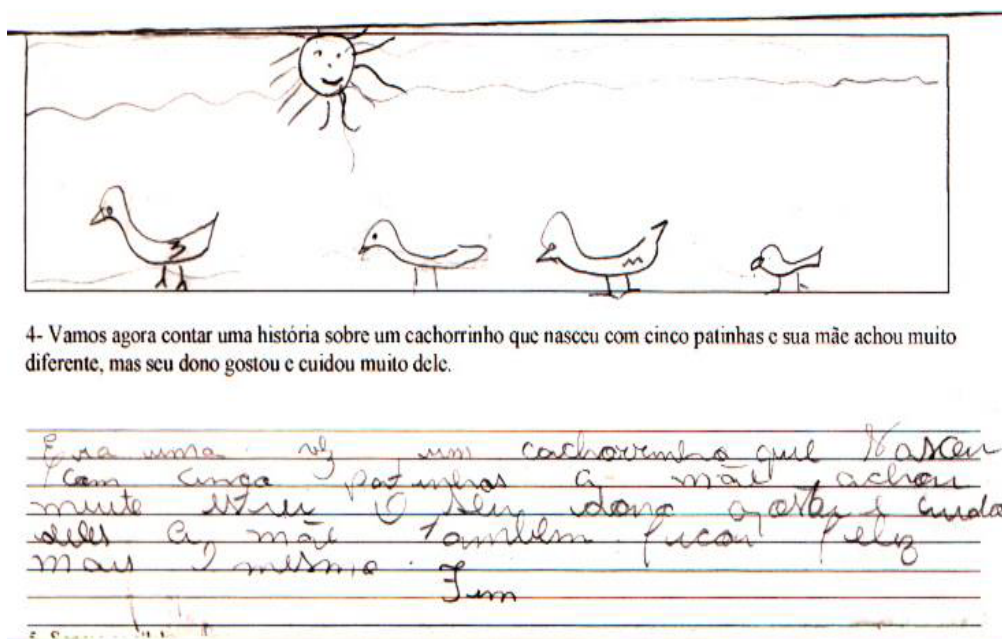


FIGURA 4 - Produção inicial escrita do aluno 6 – 10 anos

Finalizado o diagnóstico inicial, pudemos observar que as dificuldades, no geral, não ficam somente restritas à leitura e à escrita, mas se estendem também à alfabetização.

Por esse processo foram identificadas as deficiências dos 12 alunos e preparada uma série de atividades no laboratório de informática, com o objetivo de dar significado à leitura e à escrita e torná-las interessantes e atraentes de forma a motivá-los a ler, e conseqüentemente, a produzir textos.

É papel fundamental da escola resolver os problemas desses alunos que chegam ao segundo ciclo do ensino fundamental (5ª série) sem apresentar conhecimento e domínio da leitura e da escrita e, até mesmo, sem estar completamente alfabetizados. Não se trata aqui de atribuir culpas e sim de

proporcionar a esses alunos situações que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento de sua formação.

Sendo assim, é preciso desenvolver nas crianças atividades prazerosas que proporcionem uma maior interação com o mundo das letras, permitindo que elas dominem a escrita e a leitura, favorecendo sua inserção numa sociedade basicamente centrada na escrita.

A seguir, veremos as intervenções pedagógicas aferidas nos alunos, sem esquecer que todas as intervenções tiveram como objetivo as habilidades: falar, ouvir, ler e escrever.

## 4.2 Intervenção Pedagógica

Após o diagnóstico das deficiências de conhecimento dos alunos, os trabalhos na SAI foram divididos em etapas, sempre iniciadas pela leitura. Na primeira atividade usamos o *Word*<sup>1</sup>. Nesta etapa, os alunos apenas copiaram uma “tira” da Mônica, extraída do site [www.turmadamonica.com.br](http://www.turmadamonica.com.br). Foi feita uma colagem da “tira” no *word* e eles a transcreveram usando o teclado.

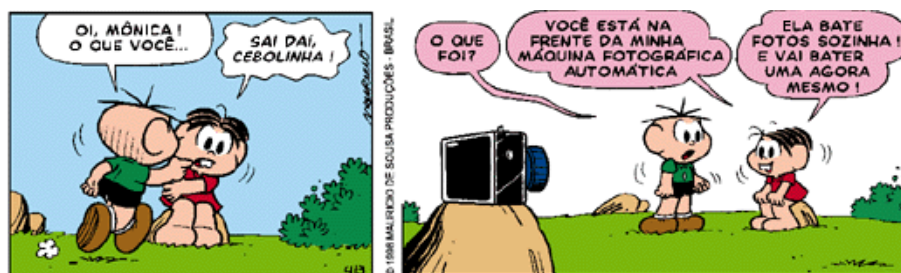


FIGURA 5 - “Tira” da revista da Mônica

Fonte: Disponível em: <[www.turmadamonica.com.br](http://www.turmadamonica.com.br)>. Acesso em: 24 set. 2005.

<sup>1</sup> *Word* - editor de textos mais utilizado no mundo repleto de recursos e

Nessa atividade, o objeto de estudo foi o uso do teclado que colocou o alfabeto à disposição dos alunos. Nosso objetivo era verificar qual o grau de dificuldade de cada um.

Notamos que durante essa atividade, alguns alunos copiaram o texto de forma mais rápida, apesar da pouca intimidade com a máquina, para outros, mesmo tendo o alfabeto à sua disposição, a tarefa não foi tão simples, exigindo atenção e concentração.

Outra constatação foi a de que a acentuação e a ortografia eram, muitas vezes, corrigidas pelo próprio computador e, quando isto acontecia, os alunos percebiam e faziam comentários entre si. Entretanto, nem todas as máquinas estavam programadas para a correção automática; portanto, os alunos fizeram rodízio nas máquinas para observar as correções e entender o processo.

A ilustração também facilitou a leitura, que era um dos objetivos da atividade proposta.

O aluno 1 transcreveu o texto com muita dificuldade, suprimiu muitas letras e, mesmo estando com o alfabeto à disposição, como pode ser visto na Figura 6, demorava muito para encontrar as letras; o que o diferenciou dos demais alunos foi o tempo mais extenso que ele usou para finalizar a atividade. O avanço foi considerado significativo, pois ele conseguiu escrever o texto, entendendo a história. A ilustração também favoreceu o processo.

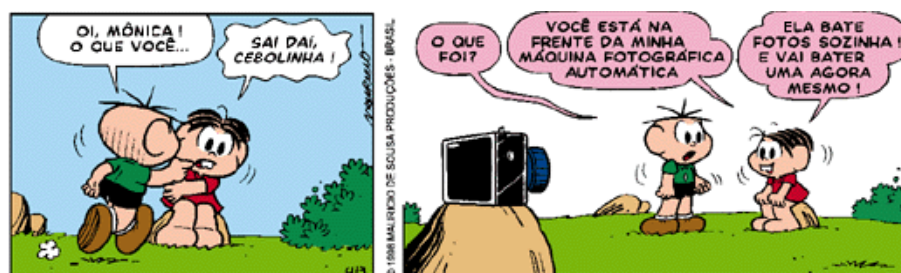


FIGURA 6 – Cópia da “tira” realizada pelo aluno 1 – 12 anos  
 Fonte: Disponível em: <www.turmadamonica.com.br>. Acesso em: 24 set. 2005.

oi mônica o que voce ...  
 Sai daí cebolinha  
 O que foi vce esta na gente da mina maquina fotrafia  
 automtica ela bte foto sozimha e vai ba uma ag mesmo

O aluno 5 transcreveu o texto com mais facilidade porém não usou acentuação, não pontuou o texto e desconhecia as pessoas do discurso. Tal dado pode ser comprovado na Figura 7.

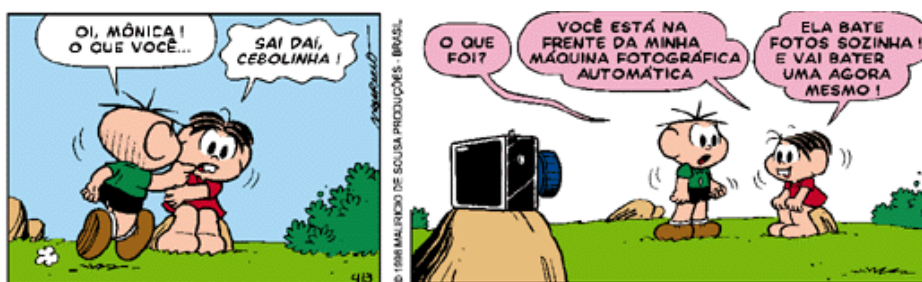


FIGURA 7 - Cópia da “tira” realizada pelo aluno 5 - 12 anos  
 Fonte: Disponível em: <www.turmadamonica.com.br>. Acesso em: 24 set. 2005

- oii Mônica o que você ...  
 Sai daí cebolinha!  
 O que foi  
 Voce esta na frente da minha maquina fotográfica automática  
 ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Finalmente todos os alunos conseguiram transcrever o texto, alguns com mais facilidade, outros nem tanto. Mas, sem dúvida, o teclado foi um facilitador, tendo o alfabeto à disposição facilitando a digitação e o entendimento do texto. A leitura da “tira” também foi feita sem grandes dificuldades porque os alunos gostam de histórias em quadrinhos, em especial as da turma da Mônica.

Durante essa atividade foi feita uma discussão da história modo que os alunos 1 e 2 compartilhassem da leitura. Assim, os alunos iniciaram um processo de reconhecimento das letras e a associação das imagens com o texto, o que permitiu que eles avançassem na construção de uma aprendizagem significativa. E, segundo Ausubel (1970), aprendizagem significativa se dá quando os conhecimentos adquiridos se relacionam com os conhecimentos prévios que os alunos já possuíam.

Portanto, com a atividade da tira, os alunos puderam relacionar o que já conheciam das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica com a escrita e a leitura produzidas na SAI.

A etapa seguinte se deu com a preparação da sala para o uso do *PowerPoint*; nesta atividade os alunos buscaram nas enciclopédias e na *Internet* imagens que poderiam ser utilizadas na produção de texto com o aplicativo acima escolhido.

Tendo sempre como objetivo o processo de aperfeiçoamento da escrita e da leitura dos alunos pesquisados, a exploração das Enciclopédias serviu para mostrar-lhes lugares nunca vistos antes como praias e grandes cidades que conheciam somente pela televisão, como foi o caso da cidade do Rio de Janeiro, conforme figura 8. Vale ressaltar que nenhum dos alunos participantes da pesquisa



a conhecia. A atividade de leitura foi realizada com o uso da Enciclopédia em 3D e eles viram as praias, o bondinho e o Corcovado.

A leitura foi a mais prazerosa possível e muitos deles se lembravam de acontecimentos ocorridos no Rio de Janeiro, como o Didi, dos Trapalhões, escalando a imagem do Cristo Redentor. Outro fato bastante comentado entre os alunos foi a violência que lá ocorre; também as novelas gravadas no Rio de Janeiro foram alvo de discussão.



FIGURA 8 – Reprodução de foto da cidade do Rio de Janeiro  
Fonte: Enciclopédia Abril 2001.

As Enciclopédias foram usadas para incentivar a leitura visual e para os alunos usufruírem de imagens não vistas ainda.

Concluindo esta parte de exploração das Enciclopédias e da Internet - que era exclusivamente de leitura -, os alunos puderam ler imagens e construir conceitos que antes não conheciam, mas, que depois dessa experiência, passaram a fazer parte do seu mundo. Em seguida, foi desenvolvida oralmente uma discussão sobre os lugares vistos.

Quanto ao uso do *PowerPoint*, os alunos desenvolveram os trabalhos sem nenhum problema sendo esta a atividade que mais despertou neles a

criatividade. Eles puderam, ao lidar com esse aplicativo, aperfeiçoar o conhecimento trazido pelas imagens já anteriormente vistas por eles.

O tema escolhido para a atividade no *PowerPoint* foi o esporte. Os alunos iniciaram a tarefa com uma busca sobre o tema nas Enciclopédias e na Internet. Os movimentos e recursos utilizados por eles nas apresentações foram discutidos, e uma vez concluído o trabalho foram apresentados para o restante da turma.


Um fato importante a ser ressaltado é que o uso do *PowerPoint* foi o momento mais criativo para os alunos pesquisados, pois, além da produção escrita, eles também puderam criar um ambiente propício para sua história. O trabalho com o aplicativo permitiu que a idealização de um sonho vá para a tela do monitor de vídeo, embora essa atividade seja demorada e exija trabalho e paciência do mediador e do aluno. Mas, vencidas as dificuldades de uso da máquina, foi possível a utilização dos recursos disponíveis para a produção final de textos.

O uso desse aplicativo é muito importante nesse processo de aquisição da leitura e da escrita e contribui para a criatividade dos alunos quando relacionam a imagem ao texto digitado.

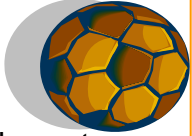
O aluno 1 produziu o texto usando também o teclado como facilitador, pois ainda apresentava dificuldades em escrever sem a ajuda do professor mediador. Quanto às ilustrações e à utilização do computador para capturar as imagens ele não teve nenhuma dificuldade, já que sua familiarização com a máquina foi rápida e segura. O tema escolhido também facilitou o trabalho, pois os doze alunos gostam de praticar esportes; para produzir o texto, cada um abordou seu esporte preferido que foi, para quase todos, o futebol, o que pode ser visto na figura 9. No texto fica

claro que todos eles têm expectativas em relação ao futuro e também são muito influenciados pela mídia.

ALUNO 1 – 12 anos



## ESPORTE




Eu vou ser ainda um jogador de bola muito famoso e ter muito dinheiro, eu vi na tv o ronaldo dizer que é um bom jogador de bola.

Na vila eu sou tbem muito bom.

FIGURA 9 – Produção escrita do aluno 1 com uso do *power point*

O aluno 9 produziu o texto com mais facilidade, usando somente letras maiúsculas mas não pontuou o texto, como pode ser visto na figura 10. Os erros de ortografia não foram considerados uma vez que o objetivo desta atividade foi a exploração das Enciclopédias e da Internet. Foram ainda observadas a criatividade na produção e a coerência em relação ao tema proposto.

ALUNO 9 – 11 anos



## ESPORTES

EU VOU SER CORREDOR DE  
CARRO ESPORTIVO E VOU TER UM  
IGUAL A ESSE AI DA FOTO

FIGURA 10 - Produção escrita do aluno 9 com uso do *PowerPoint*

Após a produção de textos no *PowerPoint*, os alunos usaram a Internet. O que percebemos ao longo das atividades foi o grande poder de sedução exercido por esse recurso sobre os pesquisados. Através das buscas na Internet os alunos construíram partes de trabalhos escritos, como as produções digitadas e manuscritas quase sempre tiradas do *site* da turma da Mônica, ou de *sites* que proporcionaram a eles uma leitura contextualizada.

Outro fato a ser destacado neste trabalho com a Internet é que os alunos não tinham interesse em ficar o tempo todo buscando *sites* que não se relacionavam com os objetivos propostos no início das atividades. Os *sites* mais procurados foram sempre os de desenhos e de jogos. É importante mencionar que as buscas foram todas acompanhadas e orientadas no sentido de proporcionar boas leituras e o seu entendimento.

Passamos a descrever, a seguir, a interatividade dos alunos com os jogos.

Os jogos educativos usados pelos alunos no ambiente da SAI constituíram-se em uma atividade que possibilitou uma interatividade entre eles. Esse recurso permitiu o desenvolvimento da criatividade, do raciocínio e da valorização da competição, além das competências e habilidades que promoveram o processo da aquisição da leitura e da escrita.

Os alunos acessaram vários jogos na *web* e visitaram alguns *sites* bastante conhecidos deles, e puderam brincar livremente por algum tempo. Após a brincadeira, eles escolheram um jogo e finalizaram a atividade.

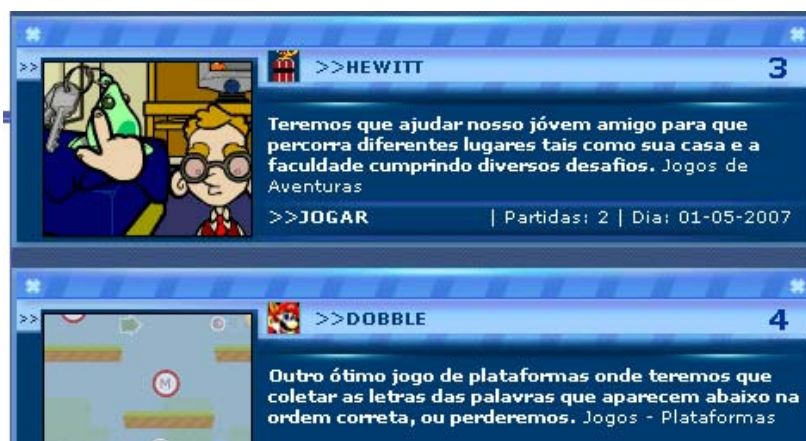


FIGURA 11 - Tela de jogos na Internet

Fonte: Disponível em: <[www.jogos.com.br](http://www.jogos.com.br)>. Acesso em: 01 maio 2007.

Nesta atividade os alunos interagiram e participaram em duplas; os resultados foram discutidos por todos e não houve premiação, sendo que os grupos que finalizavam ajudavam os demais a terminar o trabalho.

Após a atividade com os jogos, o recurso utilizado na SAI com os alunos foi o “Tô Ligado”; nele, os alunos vivenciaram uma interação com outros jovens e puderam fazer uma leitura de lugares e pessoas diferentes. A Figura 12 ilustra a tela de abertura do projeto.



FIGURA 12 - Tela de abertura do Projeto “Tô Ligado”

Fonte: Disponível em: <[www.pateopaulista.sp.gov.br](http://www.pateopaulista.sp.gov.br)>. Acesso em: 24 set. 2005.

O projeto “Tô Ligado” foi concebido para ancorar atividades de pesquisa, produção do conhecimento e comunicação dos alunos do ensino fundamental (5ª à 8ª série) e ensino médio das escolas públicas estaduais de São

Paulo que possuem SAI - Sala Ambiente de Informática. A metáfora do jornal interativo cria um ambiente de aprendizagem propício à socialização do conhecimento e a conseqüente criação de comunidades virtuais de aprendizagem e de prática ([www.pateopaulista.sp.gov.br](http://www.pateopaulista.sp.gov.br)).

É um *site* pelo qual o aluno se inicia na navegação pela Internet, com o intuito de pesquisar diversos tópicos, objetivando, com a assessoria de seus professores, produzir textos próprios e publicar seus trabalhos. A interação pretendida entre a tecnologia digital e a aprendizagem é iniciada através das atividades propostas pelo *site*. O resultado final de um trabalho de pesquisa realizado pelo aluno é uma publicação assinada por ele e disponibilizada no site ([www.toligado.futuro.usp.br](http://www.toligado.futuro.usp.br)).

Dando seqüência às atividades de leituras na SAI, os alunos exploraram os *softwares* educacionais e projetos os quais estão disponíveis na sala de informática. Alguns deles serão destacados a seguir porque contribuíram para a eficácia da pesquisa.

Os alunos observaram e exploraram os *softwares* disponíveis na escola. Entretanto muitos deles não foram utilizados, tais como: “Sherlock Português”, “Complete Palavras”, “Sim City” e outros por não possibilitarem interação com os sujeitos da pesquisa ou por não despertarem nenhum interesse neles. Outros, porém, foram muito bem aproveitados pelos alunos e contribuíram para o sucesso da pesquisa tais como: “Enciclopédias Abril e Encarta”, “Trilhas de Letras”, etc...

Nestas buscas, o software mais utilizado durante a pesquisa e o que mais forneceu elementos para uma aprendizagem contextualizada e significativa dentro da escrita e da leitura foi o “Trilha e Letras”.

Esse projeto - “Trilhas de Letras” -, propõe a utilização das TIC pelos professores e alunos das quintas e sextas séries como apoio ao desenvolvimento de ações voltadas às questões de leitura e de produção de texto, em aulas de

recuperação e reforço. Ele tem como objetivo possibilitar e melhorar as competências dos alunos para a leitura e para a produção de texto no interior das escolas. Os alunos puderam usar este material, disponível na SAI.

Os termos - leitura e produção de texto - são empregados aqui não só como um conjunto de habilidades relacionadas à compreensão e à produção de textos escritos, mas também aos saberes necessários para que esses textos sejam resultados de práticas significativas. ([www.patiopaulista.sp.gov.br](http://www.patiopaulista.sp.gov.br)).

Esta atividade foi bastante utilizada pelos alunos e as letras no Caça Palavras também foram um facilitador na leitura individual ou em grupos. A Figura 13 ilustra uma das telas deste software do projeto.



FIGURA 13 - Trilhas e Letras (I)

Fonte: Software... (2005).

A atividade denominada "forca" foi bem aceita pelos alunos e criou um ambiente bastante favorável à leitura por se tratar de um jogo bastante interessante, com figuras conhecidas dos alunos e, principalmente, pelo clima de competição lúdica, já que, devido ao interesse em acertar, os alunos liam mais. Ver a Figura 14. O objetivo aqui era promover a leitura e, conseqüentemente, levá-los à produção de texto.

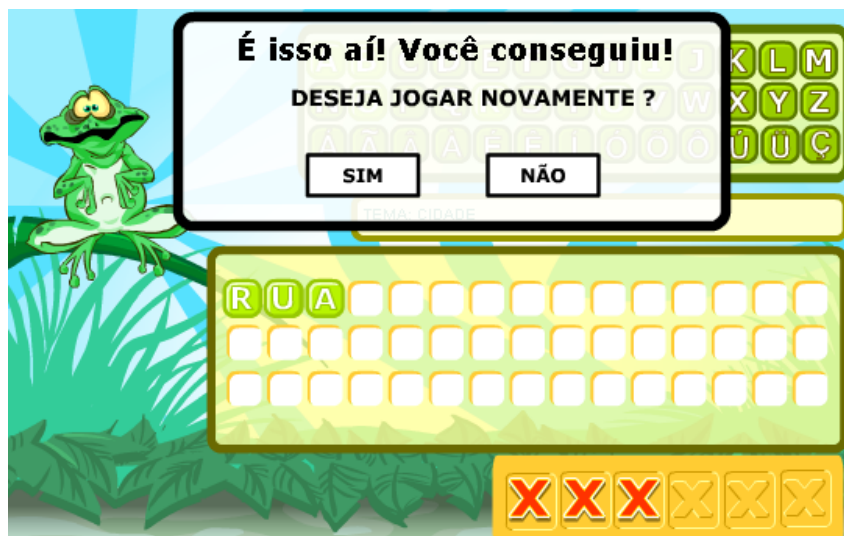


FIGURA 14 - Trilhas e Letras (II)

Fonte: Software... (2005)

Conforme pode ser visualizado na Figura 15, os alunos puderam interagir com o vídeo que tratava das leis do trânsito. Ressalta-se aqui que o áudio foi um recurso que proporcionou maior interação com os alunos.

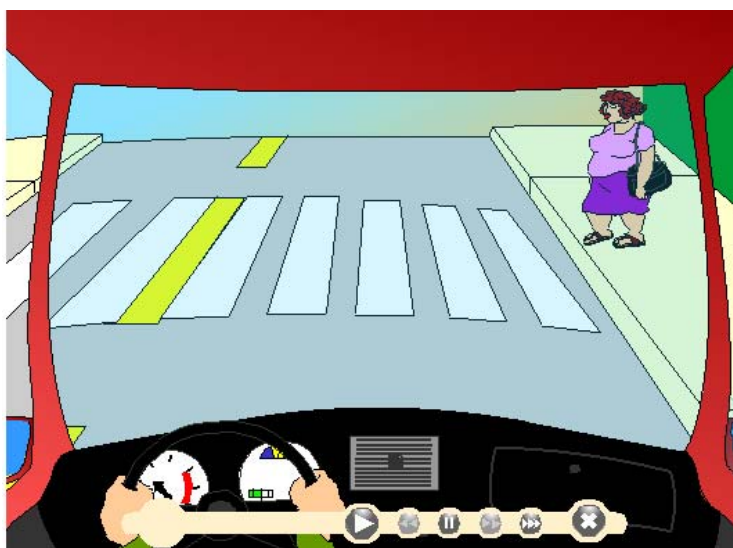


Figura 15 -Trilhas e Letras (III)

Fonte: (Software...2005)

Essa atividade, desenvolvida com o uso do áudio, foi de grande importância no processo de aquisição da leitura e da escrita, pois as palavras eram conhecidas e faziam parte do vocabulário dos alunos; vistas assim e com áudio, o processo de leitura se tornou mais fácil. Tal dado está ilustrado na Figura 16.





FIGURA 16 - Trilhas e Letras (IV)

Fonte: Software... (2005)

O projeto Trilhas de Letras foi, sem dúvida, um dos recursos que mais contribuiu para esta pesquisa. Suas atividades proporcionaram aos alunos objeto da pesquisa uma aprendizagem significativa e, principalmente, contextualizada, visto que o software possibilitou uma maior interação com os alunos. O áudio, as imagens e os assuntos também foram motivos de interesse para eles, facilitando sua aplicabilidade já que os objetivos propostos nas atividades foram atingidos.

Em seguida os alunos produziram um texto manuscrito com o objetivo de diagnosticar se os objetivos propostos no início dos trabalhos foram alcançados e se o uso da tecnologia computacional contribuiu para a aquisição da leitura e da escrita destes alunos com defasagem de aprendizado.

### 4.3 Produção Final

[...] A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa" (SOARES, 2003).

Depois das atividades desenvolvidas no processo de intervenção ao longo da pesquisa, foi possível constatar nas produções finais alguns pontos tentaremos elucidar.

De acordo com o objetivo proposto na pesquisa que é avaliar os avanços na leitura e na escrita com o uso da tecnologia computacional, tornou-se necessário analisar as produções finais dos alunos e tecer alguns comentários, visando a conclusão deste trabalho que se revelou de grande valia para os alunos sujeitos da pesquisa como também para a pesquisadora.

Dado o comando, os alunos produziram um texto escrito, com a finalidade de se fazer um estudo dos resultados. Esta produção escrita foi resultado de uma leitura inicial feita pelos alunos. A seguir, são relatadas as produções finais dos alunos da pesquisa.



FIGURA 17 - Produção final escrita do aluno 1 – 12 anos

Conforme pode ser visto na Figura 1, página 73, o aluno 1 não apresentou nenhum texto escrito; portanto, sua produção final (ver figura 17), atende aos objetivos propostos. Apesar do aluno não escrever muito, é possível notar que sua história tem uma estrutura, com começo, meio e fim. O aluno ainda apresenta dificuldades na escrita, mas já está alfabetizado e compreende o que escreveu. Entretanto, é preciso ampliar o vocabulário desse aluno e dar continuidade no processo de leitura e escrita para que ele tenha capacidade de acompanhar seus amigos na sala de aula.

Da mesma forma que o aluno 1, o aluno 2 também não havia apresentado nenhum texto escrito no início da pesquisa. Como pode ser visto na

Figura 18, este aluno escreveu usando a ilustração, diferenciando esta de suas demais produções. Ele produziu um texto um pouco maior que o do aluno 1 e reconheceu os personagens do texto.



FIGURA 18 - Produção final escrita do aluno 2 – 11 anos

De acordo com o planejado, podemos dizer que os dois alunos iniciaram o projeto sem nenhuma produção escrita, mas conseguiram alcançar os objetivos propostos, superando as expectativas.

Os demais alunos da pesquisa que apresentavam dificuldades menores também evoluíram e foi possível fazer um estudo dos avanços desses alunos comparando sua produção final com as produções do processo inicial.

O aluno 3 escreveu um texto que tratava também da turma da Mônica e sua produção tem claros os elementos da narrativa. Os erros de ortografia não aparecem com frequência, ele usa a pontuação e a estrutura do texto é bem definida, diferindo dos dois primeiros alunos.

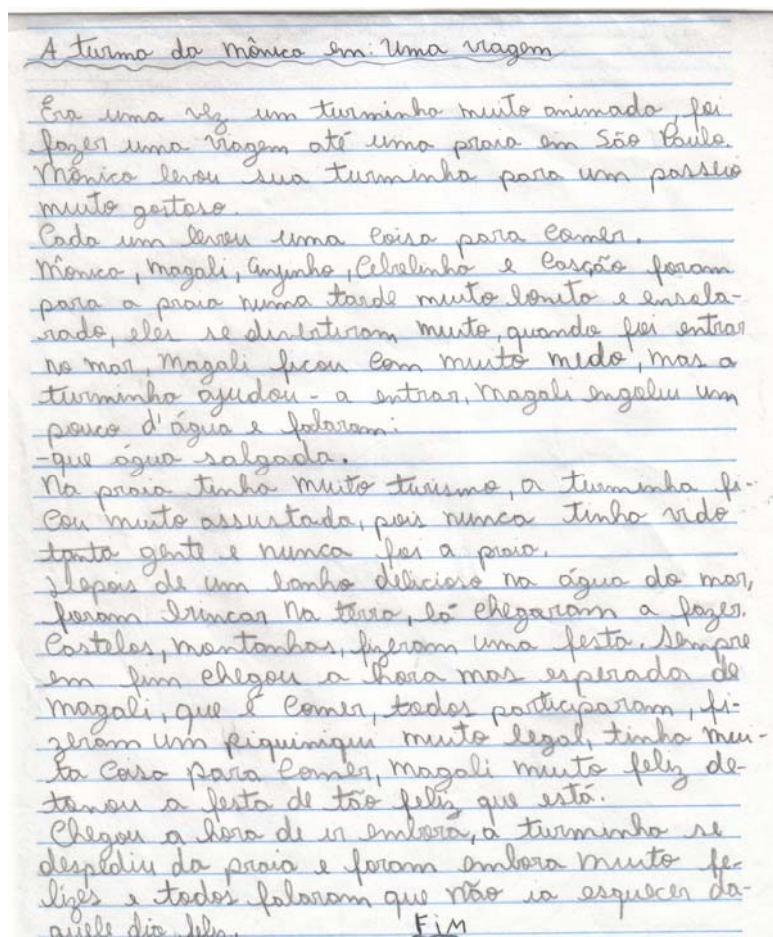


FIGURA 19 - Produção final do aluno 3 – 10 anos

Nesta nova produção do aluno 9, os erros de ortografia são menos expressivos, o texto já se apresenta com uma estrutura melhor, a história é bem contada e os elementos da narrativa mostram-se claros. A pontuação apresenta-se melhor colocada do que nos demais textos, demonstrando um progresso significativo na escrita (ver Figura 20).

O Piquinique

Era um dia ensolarado no dia de sábado magali e mônica vai fazer um piquinique e convidou o anjinho e o cascao eles pensou em fazer o piquinique no clube, todo mundo pegou um pouquinho de cada coisa que tinha de comer, um pegou suco, refrigerante, bolo, pão, geleia, frutas, torradas etc...

Eles foram de peruiinha, no meio da estrada foram cantando lá, lá, lá, lá...

Quando no clube eles foram ver o lugar onde eles ia acampar, do lado de uma árvore linda bem grandona.

Eles então foi para o vestiário se trocar para cair numa piscina. Brincaram, nadaram eles brincaram muito. Depois de ter brincado eles foram comer pegaram as suas comidinhas e foram para o lugar onde eles tinham que parar, jogaram uma toalha enorme na grama uma toalha verde vermelha com branco e colocaram as comidinhas deles lá e comeram, comeram, comeram, até encherem.

FIGURA 20 - Produção final escrita do aluno 9 – 11 anos


Nesta produção, o aluno 10 não usa pontuação nenhuma, mas escreve utilizando elementos da narrativa; os erros de ortografia são em menor quantidade do que no início da pesquisa; ele escreve com seqüência e utiliza os tempos verbais. Tais dados podem ser observados na Figura 21.

5<sup>a</sup>A

Um dia um anjo veio do céu e caiu lá onde o menino, o menino, o menino, o menino estavam jogando bola no campo o menino tinha quebrado a ossa o menino fala "liga para o resgate" o menino liga e o resgate levou ele para o hospital eles vão visitar o menino e ficou alegre e quando o menino melhorou e foi brincar o menino marcava bastante gol por que no lugar que ele ficou tinha um campo de futebol sempre quando eles jogava de o menino também jogava eles cada dia ficava com um gol o menino não sabe eles não estava lá o menino ficou triste e foi na casa deles perguntou onde eles estavam para a mãe dele ele estava doente e estava no hospital tomando xoro.

FIGURA 21 – Produção final escrita do aluno 10 – 11 anos

No geral, podemos dizer que os objetivos propostos foram alcançados em parte. Os avanços foram considerados significativos, partindo do princípio de que as dificuldades eram, sem dúvida, bastante expressivas. Quanto aos alunos, eles puderam avançar na aprendizagem da leitura e da escrita. Cabe agora analisar as dificuldades individuais e, em sala de aula, desenvolver atividades que as atenuem, estimulando os alunos a enriquecer seu vocabulário, ler mais e, conseqüentemente, aperfeiçoar a gramática.



# Capítulo V

## Conclusão



## 5 CONCLUSÃO

Antes de apresentar a conclusão deste trabalho, é pertinente apresentar a problemática que deu origem a esta pesquisa através desta pergunta: como podemos utilizar a tecnologia computacional para melhorar a aprendizagem das crianças no que diz respeito à leitura e à escrita? É importante compreender as estratégias que foram utilizadas para a resolução do problema abordado.

No início da pesquisa os alunos apresentaram uma produção manuscrita na qual somente dez alunos escreveram e dois alunos apresentaram sua produção em branco, pois as dificuldades eram também de alfabetização.

É sabido que vários alunos das escolas públicas chegam ao ciclo II (5ª série do ensino fundamental) com sérios problemas de alfabetização, de leitura e de escrita.

Portanto, a partir do diagnóstico inicial foi possível intervir utilizando o computador para melhorar o processo da leitura e da escrita das crianças em questão.

Percebeu-se, no decorrer deste trabalho, que a utilização do computador contribuiu de forma relevante no processo da aquisição do conhecimento tanto da leitura quanto da escrita. Os doze alunos apresentados na pesquisa foram acompanhados durante todos os trabalhos e atividades propostas, e verificou-se que o aluno 1 e 2, que apresentavam problemas de alfabetização, ao final produziram um texto escrito evidenciando um avanço significativo no conhecimento da escrita, já os demais alunos apresentaram ao longo das

intervenções uma maior amplitude de resultados, um avanço mais significativo do que os demais.

Nesta pesquisa constatou-se que as crianças analisadas, mesmo os dois alunos com dificuldades mais sérias, influenciadas pela admiração que sentem pela máquina puderam desenvolver o processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito a leitura e a escrita.

No primeiro momento os alunos fizeram um reconhecimento da sala e estabeleceu-se com o grupo quais seriam as atividades a serem desenvolvidas, e seguida toda a trajetória da vivência foi feita de acordo com o interesse dos alunos, criando assim um ambiente propício a aprendizagem, Construcionista e fincados nos objetivos da pesquisa.

Os alunos ficaram bem à vontade em contato com o computador, mesmo aqueles que nunca tinham conhecimento algum das máquinas, facilitando bastante os trabalhos.

Em seguida as mais diversas leituras foram feitas, os alunos puderam apreciar um mundo ainda desconhecido da maioria, o que deu ao trabalho um significado ainda mais intenso. A produção escrita foi consequência desse processo de leitura, portanto foi contextualizada e os resultados foram significativos.

Conclui-se que os alunos, movidos pela tecnologia computacional, responderam bem no que diz respeito à aprendizagem da leitura e escrita, porém se faz necessário que os professores entendam que esse é somente mais um recurso a disposição deles no sentido de enriquecer suas aulas. É preciso ainda educar nossos alunos quanto à utilização dessa tecnologia e que se ela for usada de forma indiscriminada em nada acrescentará na sua formação.

Na atividade final as produções escritas mostram claramente o crescimento dos alunos em relação ao início da pesquisa tanto na produção escrita quanto na leitura.

A tecnologia aqui foi utilizada com propósitos bem definidos e o transcorrer da pesquisa foi um processo mediado onde o aluno pode construir seu conhecimento de forma tranqüila e cujo espaço foi preparado para esse fim.

Espera-se que os professores possam buscar as capacitações e utilizar os recursos da SAI, para implementar suas aulas, buscando criar um ambiente de ensinar e aprender.



**Capítulo VI**  
**Referências**  
**Bibliograficas**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, S. F. **Estudo evolutivo das percepções infantis no uso de ferramentas computacionais**. 2006. Doutorado (Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2006.

ALMEIDA, M. A. F. **Aprender, atividade inteligente**: e se esta inteligência for parcialmente artificial? 1999. Dissertação (Mestrado) - UFSC. Florianópolis, 1999. Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/~mafa>>.

ALMEIDA, M. E. **Informática e Formação de Professores**. Brasília: Parma, 2000. v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. **Educação e informática**: os computadores na escola. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988. (Polêmicas do nosso tempo).

\_\_\_\_\_. **Inclusão digital do professor**. São Paulo: Articulação/Escola, 2006.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1992.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**: A teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1970.

AZANHA, J. M. P. **Parâmetros Curriculares Nacionais e autonomia da escola**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/harvard3/zemar.htm>>. Acesso em: 2 set. 2005.

BELLINI, L. M.; RUIZ, Adriano Rodrigues. A escola e a linguagem LOGO: o dilema do duplo paradigma. **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**, Maringá, v. 7, p. 01-13, 1996.

BELLONI, M. L. Tecnologia e formação de professores: rumo a uma pedagogia Pós-Moderna? **Educação e Sociedade**, v.19, n. 65, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 5 set. 2006.

CANDEIAS, A. **Educar de outra forma**: a escola nº 1 de Lisboa 1905-1930. Instituto de Inovação educacional, Lisboa. 1994.

CASTORINA, J. A. et al. **Piaget-Vygotsky**: Novas contribuições para o debate. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

CHAVES, E. O computador na educação. In: CHAVES, Eduardo; SETZER, V. W. **Uso de computadores em escolas**. São Paulo: Scipione, 1985.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Porto Alegre: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler** :em três artigos que se completam. 26. ed. Prefácio de Antonio Joaquim Severino. São Paulo: Cortez, 2006. 96 p. (Coleção polêmica do nosso tempo).

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GANDIN, L. A. **Reflexões em torno do uso de computadores em educação**. In Revista de Educação AEC - Educação e Informática - Treinamento ou criação?. Ano, 25, n. 9. Brasília: AEC, 1996.

GITAHY, R. R. C. **Estudo de moralidade**: do comportamento real ao comportamento virtual. 2003. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/raquelrosanchristinogitahy.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/raquelrosanchristinogitahy.pdf)>. Acesso em: fev. 2006.

\_\_\_\_\_. A era do computador: a era de uma nova moral?. In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO CAMPUS DE MARÍLIA, 2. , 1997, Marília SP, **Anais...** Marília: Unesp, 1997.

GUERRA, M. A. **A escola e a aprendizagem da democracia**. Porto: Edições Porto, 2001.

JOLIBERT, J. et al. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LA TAILLE, Y. **Ensaio sobre o lugar do computador na educação**. São Paulo: Iglu, 1990.

LEFFA, V. J. Fatores da compreensão na leitura. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, UFRGS, n. 15, 1996.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998b.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1986.

LOLLINI, P. **Didática e computador: quando e como a informática na escola**. São Paulo: Edições Loyola, 1991, 243 p.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, R. **Informática educativa**. São Paulo: Papirus, 1998.

ORENZTEJN, M.; GOUVEIA, B. **Alfabetizar em contextos de letramento**. Práticas de Leitura e Escrita, publicado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo: Salto para o Futuro, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS)**. Brasília: ME, 1996.

PAPERT, S. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, 210p.

PERIOTTO, A. J. Recursos computacionais em educação. **Coloquium**, Presidente Prudente, v. 3, 1996.

PERROTTI, E. Leitores, ledores e outros afins: apontamento sobre a formação ao leitor. In: PRADO, J.; CONDINI, P. (org.). **A formação do leitor**: pontos de vistas. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 31-40.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento do raciocínio na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

PORLÁN, R. El maestro como investigador en el aula: investigar para conocer, conocer para enseñar. **Investigación en la Escuela**, 1987.

PUGA, R. M. **Escola nova e escola tradicional**: reflexões por entre rupturas e continuidades. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1341>>.

RAMAL, A. C. Internet e educação. **Revista Guia da Internet.BR**. Rio de Janeiro: Ediouro, n. 12, 1997. Disponível em: <[http://www.pedroarrupe.com.br/upload/UM\\_NOVO\\_PARADIGMA\\_EM\\_EDUCA%C3%87.pdf](http://www.pedroarrupe.com.br/upload/UM_NOVO_PARADIGMA_EM_EDUCA%C3%87.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2006.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, [199-].

TABEROSKY, A. **Aprendendo a escrever**: São Paulo: Ática, 1992.



SAMPSON, G. **Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia**. São Paulo: Ática, 1996.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHLÜNZEN, E. T. M. **Mudanças nas práticas pedagógicas do professor: criando um ambiente construcionista contextualizado e significativo para crianças com necessidades Especiais Físicas**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como um processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1998.

SOARES, Magda Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: Reunião Anual da ANPED. GT Alfabetização, Leitura e Escrita. 26., 2003. **Anais ...** Poços de Caldas, 2003.

SPRINTHAL, N. A. **Psicologia educacional**. Lisboa MacGraw-Hill, 1994.

STEMMER, M. R. G. S. **O Computador e a alfabetização: estudo das concepções subjacentes nos softwares para a Educação Infantil**. Florianópolis: UFSC, 1993.

SOARES, Patrícia Cardoso **“Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma experiência com o Software Trilha de Letras”**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, 2006.

TAJRA, S. F. **Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade**. 2. ed. São Paulo: Érica, 2000.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. **Campinas**: Gráfica Central da UNICAMP, 1993, 418 p.

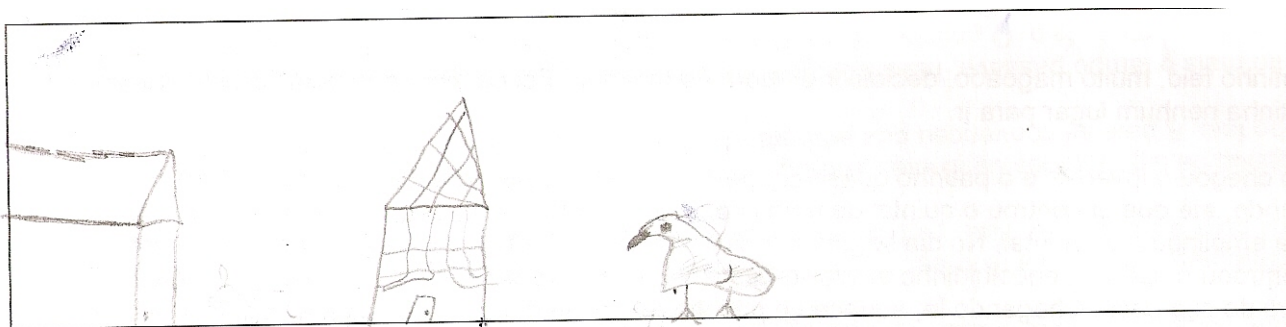


# APÊNDICES



**Apêndice I**  
**Textos Manuscritos**

Aluno 1 – 12 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

---

---

---

---

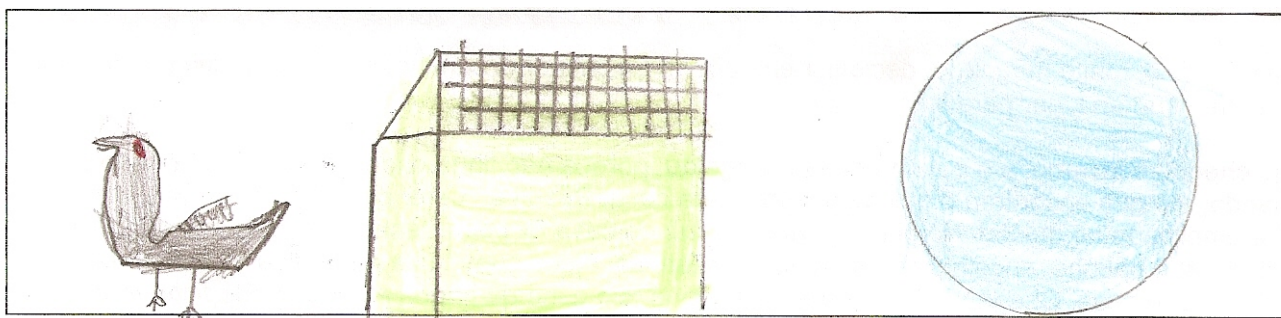
---

---

---

---

Aluno 2 – 11 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

---

---

---

---

---

---

---

---

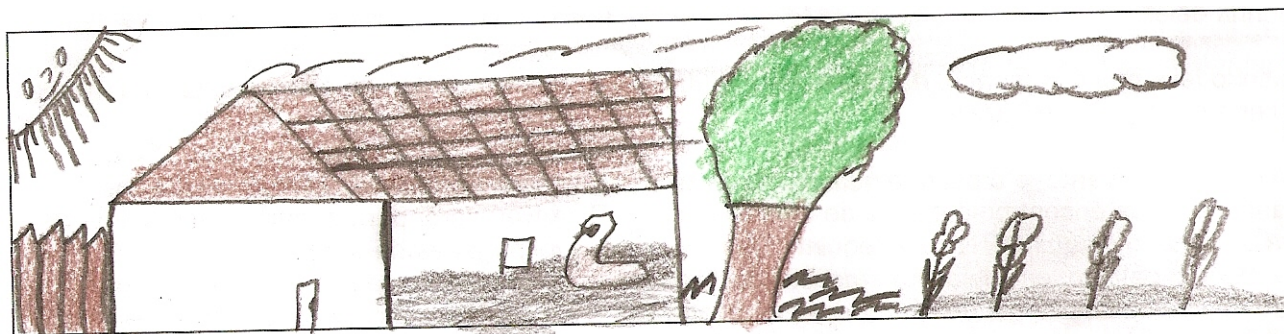
Aluno 3 – 10 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

o Cachorrinho  
 Era uma vez numa fazenda um Carboneiro que teve um cachorrinho  
 que tinha 5 patas e ele ficou muito triste  
 porque ele tinha nascido assim mas se tornou da fazenda  
 da fazenda muito mansueto porque ele nasceu com 5 patas  
 de que mal veio que porque sabe também nasceu com cinco patas  
 ele não ficou triste com seu filhote e ele foi  
 com ele e ele ficou feliz para ele e com  
 ele? fim

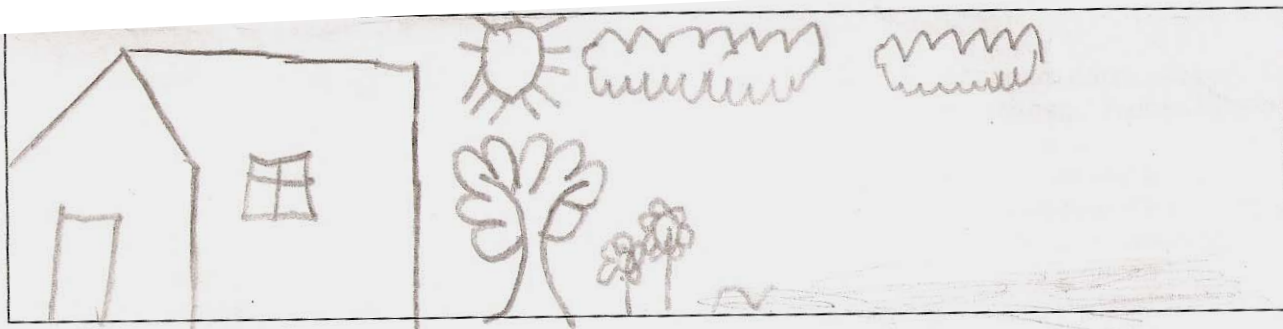
Aluno 4 – 12 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

Um cachorro nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente  
 e seu dono gostou e cuidou muito dele  
 e ele ficou muito feliz com ele  
 e ele ficou muito feliz com ele  
 e ele ficou muito feliz com ele

Aluno 5 – 12 anos



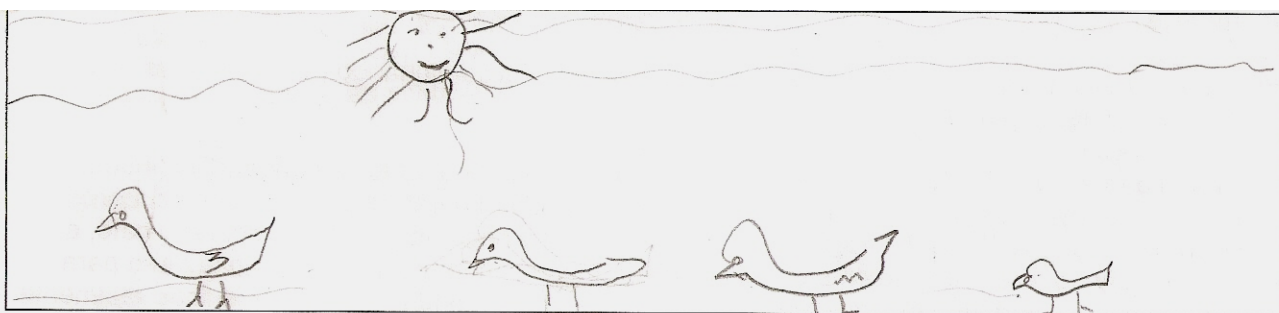
4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

O cachorrinho que nasceu com cinco patas.  
 Uma vez um cachorrinho nasceu com cinco patas, sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele. O cachorrinho com a quinta patinha era muito diferente dos outros cachorrinhos, mas seu dono gostou e cuidou muito dele. Ele era muito feliz e brincava muito com os outros cachorrinhos.

5- Separe as sílabas:



Aluno 6 – 10 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

Era uma vez um cachorrinho que nasceu  
 com cinco patinhas a mãe achou  
 muito diferente. O dono gostou e cuidou  
 dela a mãe também ficou feliz  
 com a mesma.

Aluno 7 – 13 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

O cachorro diferente

Era uma vez um cachorro que nasceu diferente  
mas a diferença dele é que tem cinco patas  
sua mãe achou diferente mas o pai gostou da ideia  
Você tem que entender que é um cachorro diferente  
e ele que está vamos ficar com ele a sua família  
que ele é o seu amigo para sempre

5. Sandra de Alencar

Aluno 8 – 12 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

### Cachorrinho e Patas

Era uma vez, uma cachorrinha e nasceu com  
 5 patas que era diferente que a patas era amarela  
 e pertar e o patas era bonita e cachorrinho rosa  
 e eu acixei ele Bem bonita.  
 acho que ele vai ficar Bem grada este.



fim



Aluno 9 – 11 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

Era uma vez um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e a mãe achou muito diferente dos outros, e o dono gostou muito e cuidava muito dele e dava muita comida. Ele nunca podia passar no parque do pai e as outras ficava com medo porque o dono dava muito a comida para ele. Mas a mãe percebeu e também com a comida para ele também e passou bastante tempo e as outras crianças e a mãe sempre.

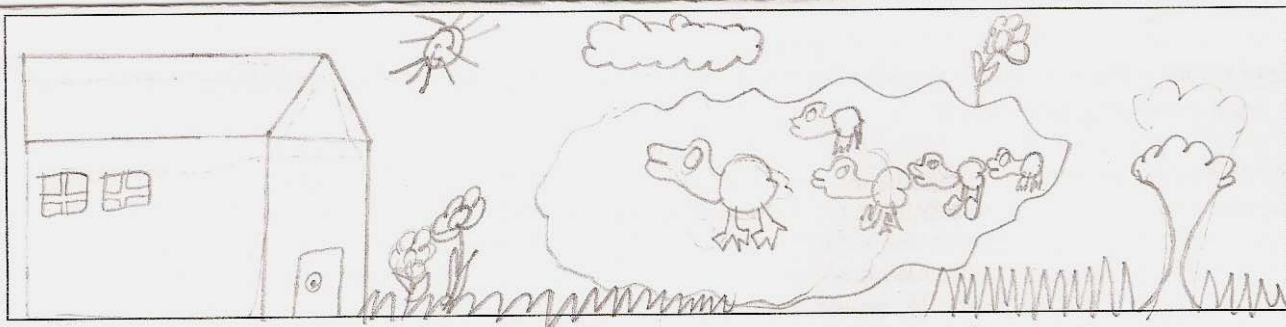
Aluno 10 – 11 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

Era uma vez uma cachorrinha que teve filhotes que nasceram com cinco patinhas e pobremente que ela nasceu com um cachorrinho que era diferente

Aluno 11 – 12 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

*O cachorro com cinco patinhas*

*Era uma vez uma patinha, estava chocando ovos e ela chocou  
seis ninhinhos e ela pegou o maior e o menor e quando  
de chocou, a mãe achou diferente, e o dono gostou dele  
e pegou para criar, ficou com ele e a mãe ficou  
triste com o cachorro que não era patinha e o cachorro  
e eles teve um dia que o cachorro ficou com ela,*

5- Separar as sílabas:

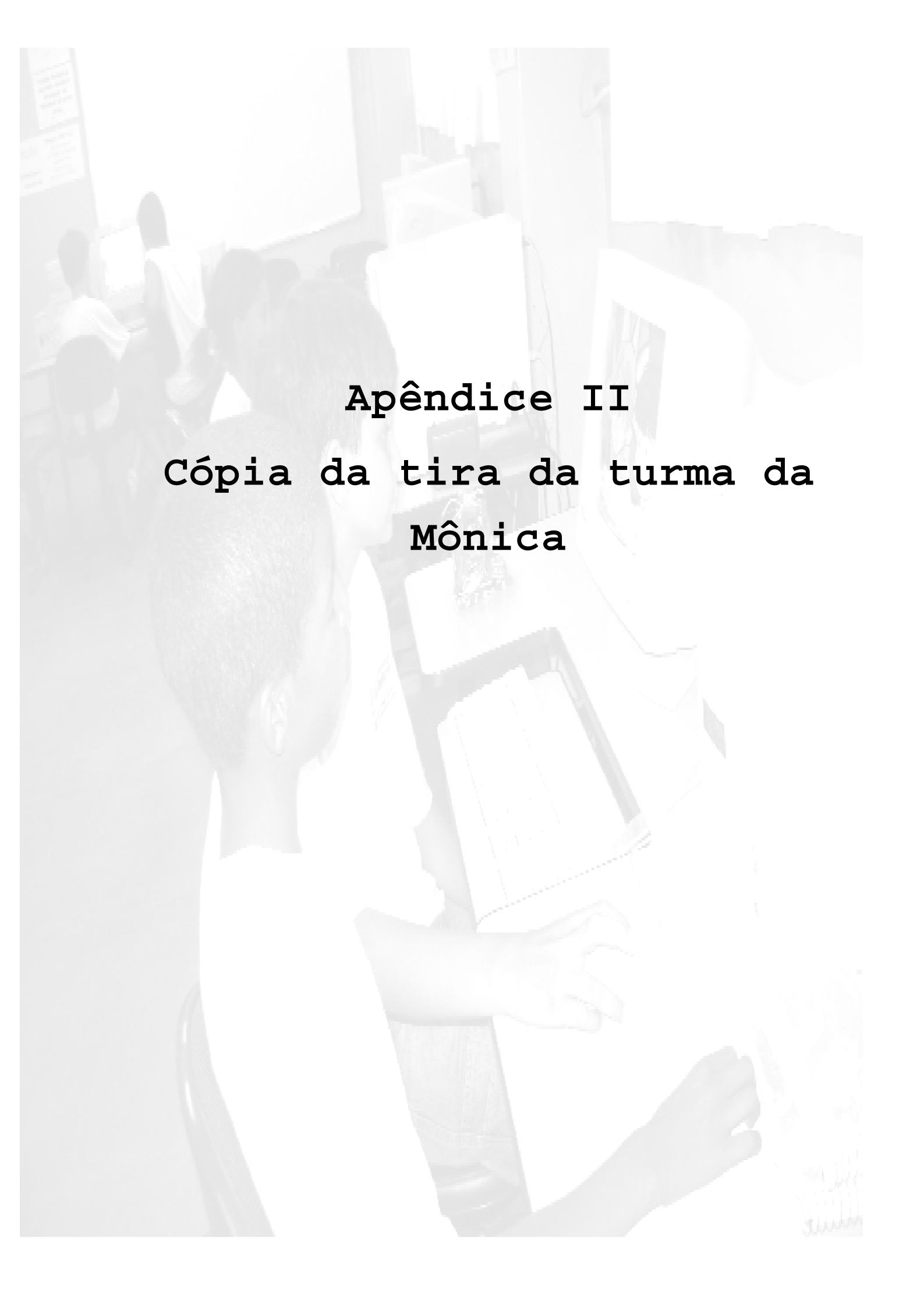
Aluno 12 – 13 anos



4- Vamos agora contar uma história sobre um cachorrinho que nasceu com cinco patinhas e sua mãe achou muito diferente, mas seu dono gostou e cuidou muito dele.

Era uma vez um cachorrinho de cinco  
 patas que gostava de brincar, mas como  
 ele era muito diferente sua mãe achou  
 diferente querre cachorrinho ficou triste que sua  
 mãe fez isso, então esse cachorro fugiu  
 e ficou sozinho que um dia que ele  
 estava sozinho no meio e quando  
 ele se acordou muito bem dele.

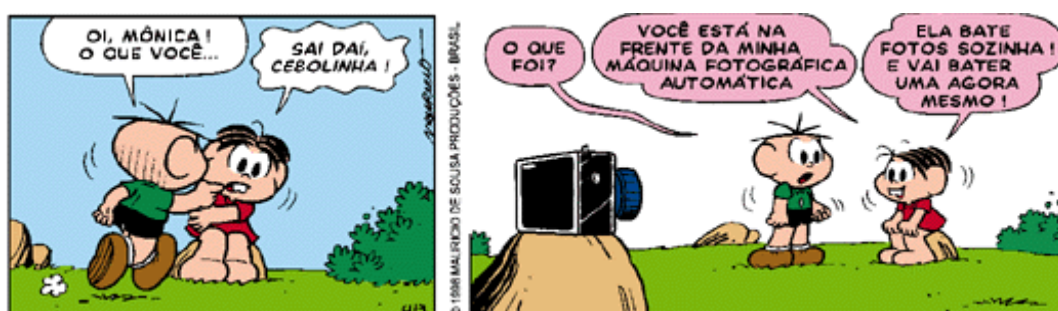
5. Copiare as folhas:



**Apêndice II**  
**Cópia da tira da turma da**  
**Mônica**



Aluno 1 – 12 anos



oi mônica o que vce ...

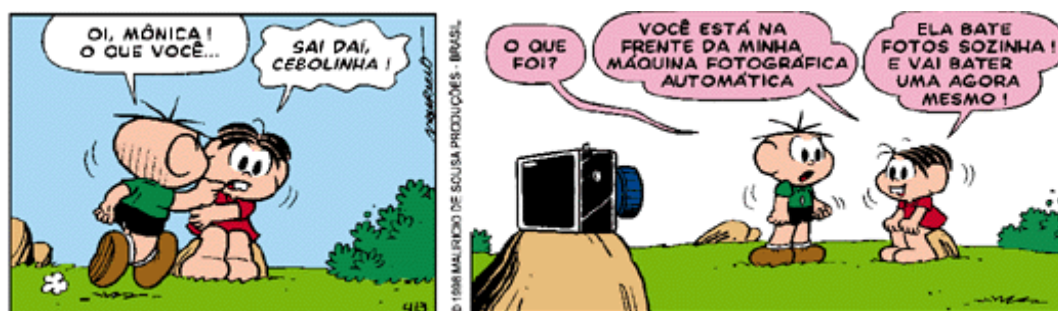
Sai daí ceb olinha

O que foi

vce esta na gente da mina maquina fotrafia automtica

ela bte foto sozimha e vai ba uma ag mesmo

Aluno 2 – 11 anos



- oi mônica o que voce ...

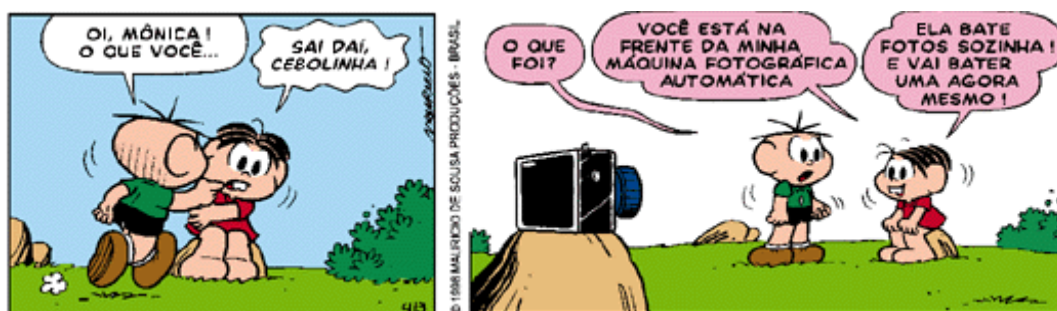
Sai daí cebolinha!

O que foi?

voce esta na frente da minha maquina fotografica automática

ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Aluno 3 – 10 anos



- oi Mônica o que você ...

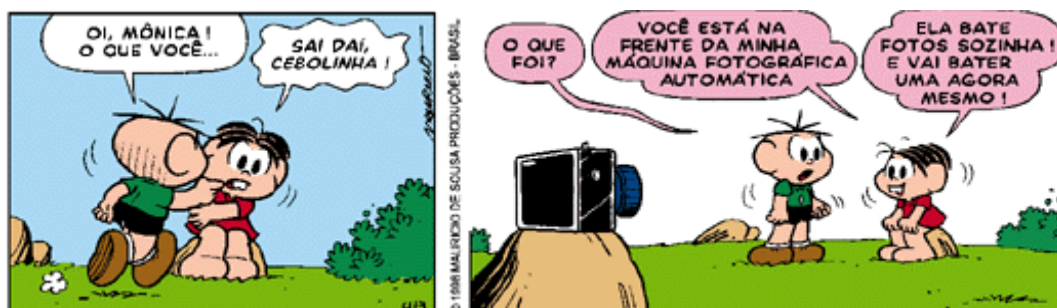
Sai daí ceboliha!

O que foi

voe esta na frente da minha maquina fotografica automática

ela bate fotografia sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Aluno – 4 – 12 anos



- Oí Mônica o que você ...

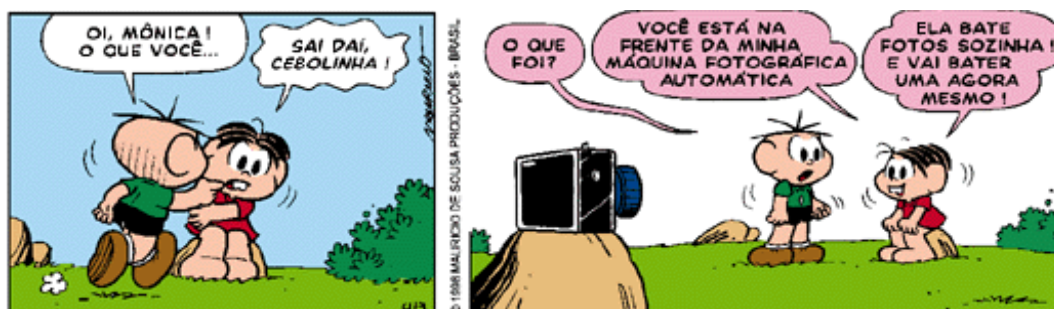
Sai daí cebolinha!

O que foi

Voce esta na frente da minha maquina fotografica automática

ela bate fotografia sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Aluno 5 – 12 anos



- oii Mônica o que você ...

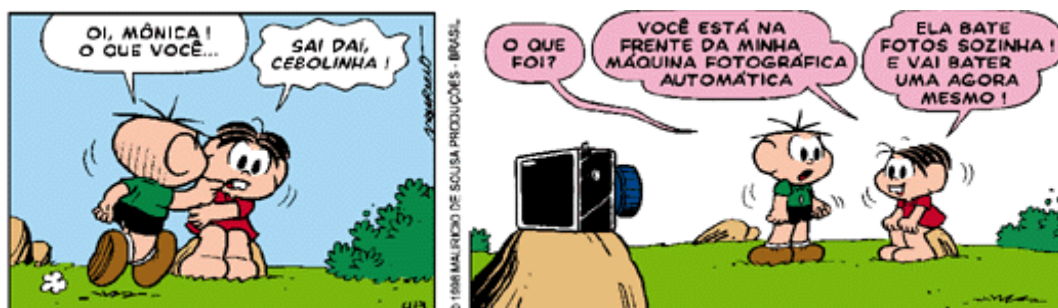
Sai daí cebolinha!

O que foi

Voce esta na frente da minha maquina fotografica automática

ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Aluno 6 – 10 anos



- oii Mônica o que você ...

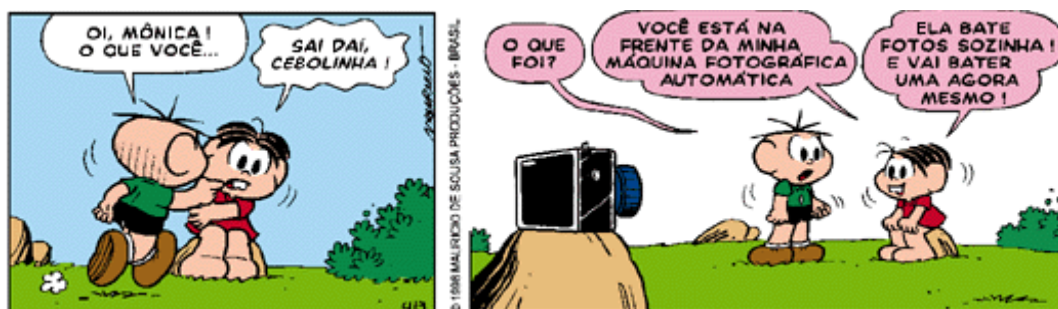
Sai daí cebolinha!

O que foi

Voce esta na frente da minha maquina fotografica automatca

ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Aluno 7 – 13 anos



- oii Mônica o que você ...

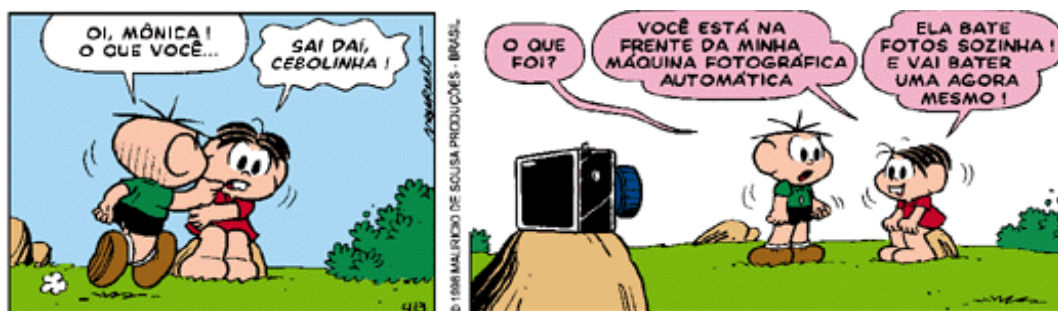
Sai daí cebolinha!

O que foi

Voce esta na frente da minha maquina fotografica automática

ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Aluno 8 – 12 anos



- Oi Mônica o que você ...

Sai daí cebolinha!

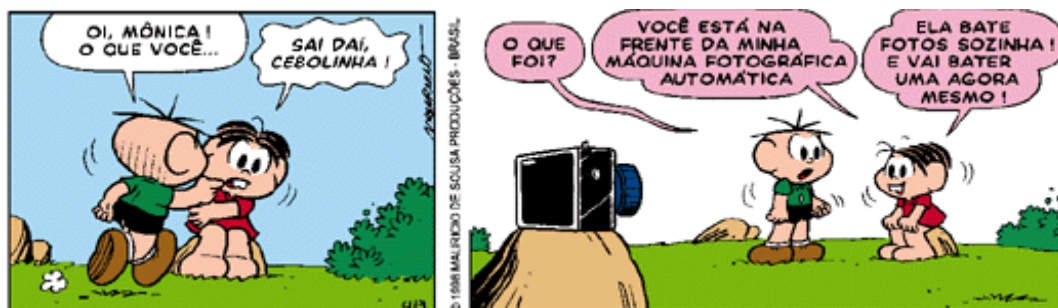
O que foi

Voce esta na frente da minha maquina fotografica automatica

ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!



Aluno 9 – 11 anos



- Oi monica o que você ...

Sai daí cebolina!

O qe foi

Voce est na frente da minha maquin fotográfica automatia

ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Aluno 10 – 11 anos



- Oi mônica o que você ...

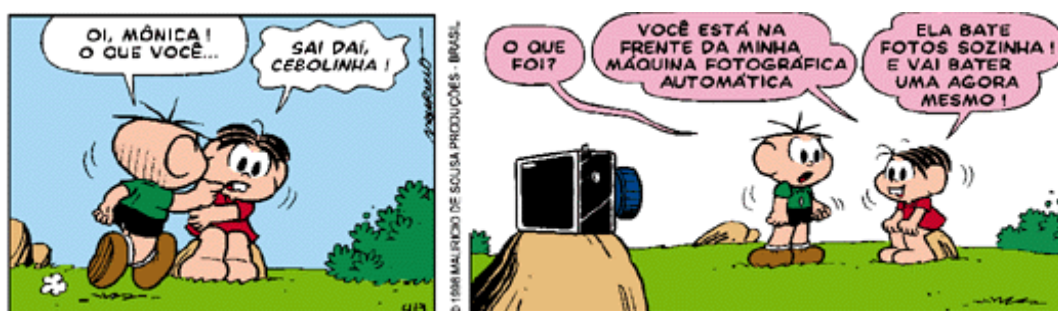
Sai daí cebolinha!

O qe foi

Voce esta na frente da minha maquina fotografica automatia

ela bate foto sozinho e vai bater uma agora mesmo!

Aluno 11 – 12 anos



- oi mônica o que você ...

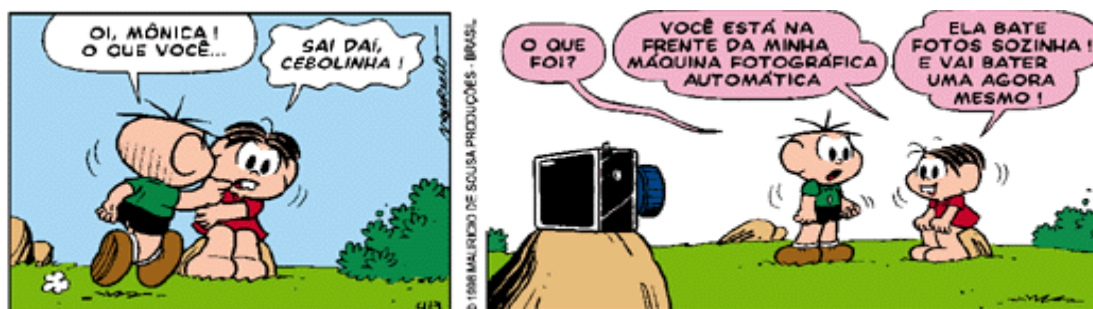
Sai daí cebolinha!

O que foi

Voce esta na frente da minha maquina fotografica automatia

ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!

Aluno 12 – 13 anos



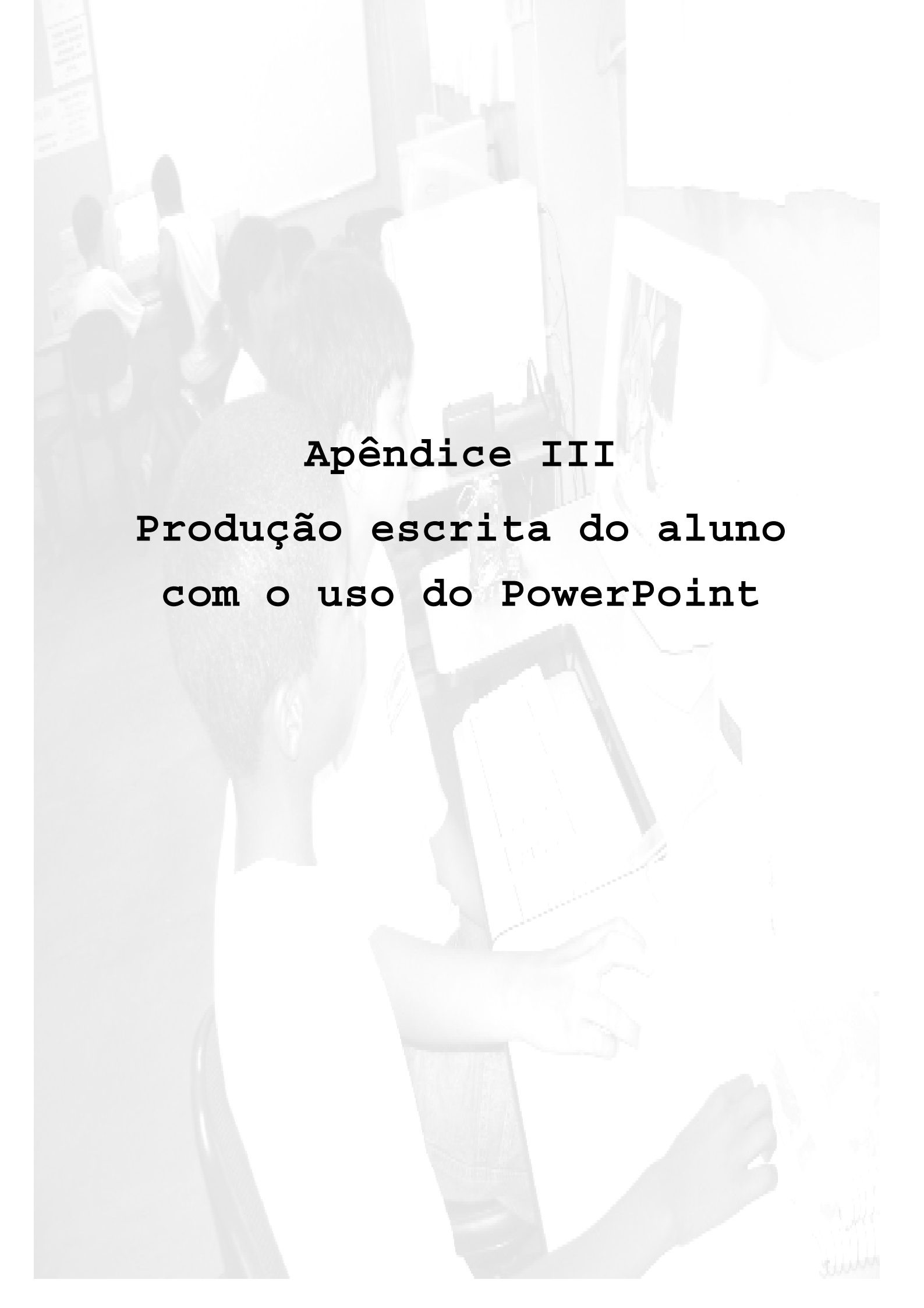
- Oi Mônica o que você ...

Sai daí cebolinha!

O que foi

Você esta na frente da minha maquina fotográfica automática

ela bate foto sozinha e vai bater uma agora mesmo!

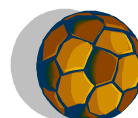


**Apêndice III**  
**Produção escrita do aluno**  
**com o uso do PowerPoint**

Aluno 1 – 12 anos



## ESPORTE



Eu vou ser ainda um jogador de bola  
muito famoso e ter muito dinheiro, eu vi  
na tv o ronaldo dizer que é um bom  
jogador de bola.

Na vila eu sou tbem muito bom.

Aluno 2 – 11 anos

## ESPORTES



QUERO SER UM OTIMO JOGADOR  
DE BOLA NO BRASIL E FAZER DA  
MINHA FAMILIA UMA FAMILIA MUITO  
FELIZ PORQUE SEI QUE VOU SER  
MUITO FAMOSO E CONHJECER O  
MUNDO TODO.

Aluno 3 – 10 anos

## ESPORTES



CONHECI HOJE MUITAS COISAS DO FUTEBOL E O QUE MAIS GOSTEI FOI DAS PESSOAS NOS CAMPOS DE FUTEBOL E SEI QUE NÃO JOGO BEM MAIS QUEM SABE DA MINHA VIDA VOU SER JOGADOR E FAMOSO DE VERDADE. NA EDCOLA EU JOGO BEM, NÉ PRO PAULO.



Aluno 4 – 12 anos



## ESPORTES

Eu gostei mesmo do golf um jogo de gente bem bonita, a ropa dos caras e bem bonita e os sapatos bem engrasados. Tem gente bem rica e tambem jogador de futebol nesse jogo de bola bem pequena.

Aluno 5 – 12 anos

## ESPORTES



EU SO DO VOLEI E GOSTO DEMAIS  
DO TIME DOS HOMENS DO BRASIL E  
NÃO PERCO NENHUM JOGO NA TV E  
ACHO QUE QUERO SER JOGADOR  
DE VOLEI BEM CONHECIDO NO  
BAIRRO PARA SER CHAMADO NO  
TIME DA PREFEITURA DA CIDADE DE  
PRUDENTe

Aluno 6 – 10 anos



## ESPORTE DE GENTE RICA

Eu vi os meninos não no  
brasil jogando bola com  
esta aí bem diferente da  
nossa e acho que deve ser  
bem gostoso jogar, vamos  
pedir para o pro ensinar



Aluno 7 – 13 anos



## ESPORTE

Eu quero jogar no  
maracana e ser bem  
conhecido na minha cidade  
de prudente.

Vou arumar muitas  
namoradas

Aluno 8 – 12 anos



## ESPORTES

EU VOU SER CORREDOR  
DE CARRO ESPORTIVO  
E VOU TER UM IGUAL A  
ESSE AI DA FOTO

Aluno 9 – 11 anos



## ESPORTES

Todos os esportes são bom e voce deve fazer para melhorar na sua casa e na escola – eu vou ser um bom aluno e vou participar da turma de treinamentos da escola



Aluno 10 – 11 anos

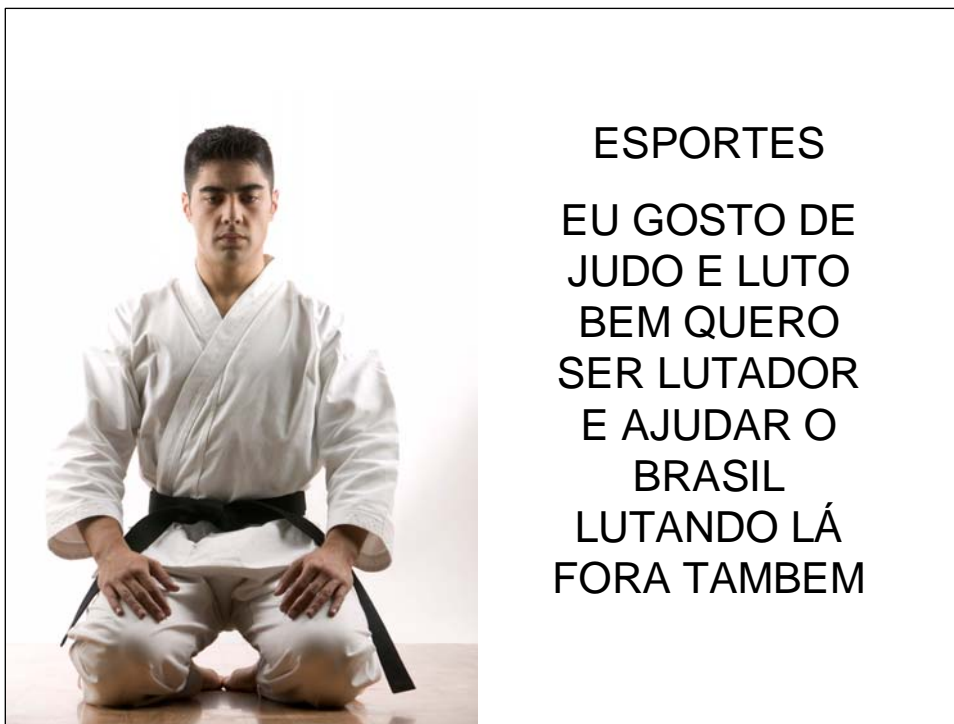


## ESPORTES

Eu não gosto muito de esporte eu gosto de pescar no pesque do meu tio e acho muito bom pescar.

Quando eu fiz meu trabalho eu gosto mesmo e de estudar e o esporte e bom

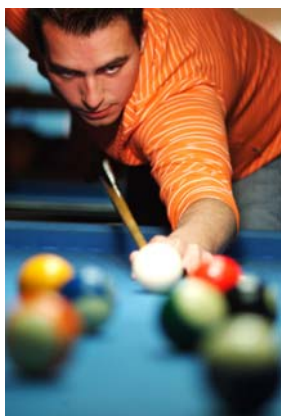
Aluno 11 – 12 anos



ESPORTES  
EU GOSTO DE  
JUDO E LUTO  
BEM QUERO  
SER LUTADOR  
E AJUDAR O  
BRASIL  
LUTANDO LÁ  
FORA TAMBEM



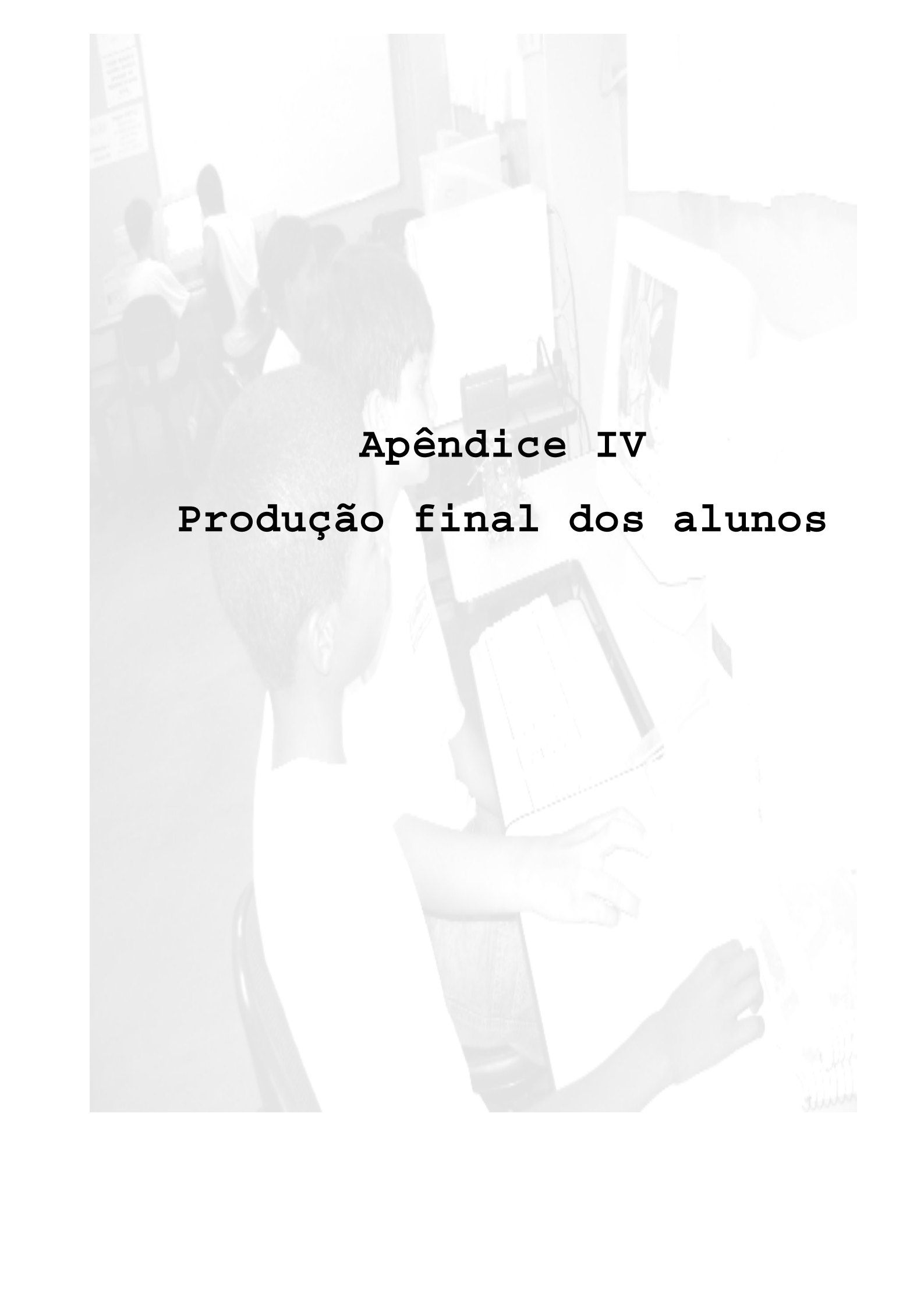
Aluno 12 – 13 anos



## ESPORTES

eu vou ser um bom

vila vou ser  
profissional e tambem  
é esporte e eu já sei  
ate algumas jogadas  
mas menor não joga  
no bar.



**Apêndice IV**  
**Produção final dos alunos**

Aluno 1 – 12 anos

A Dona Chiquinha falou com os vizinhos em  
carica sobre ele e ele não deu dez reais  
por cada um e eles se divertiram  
muito.

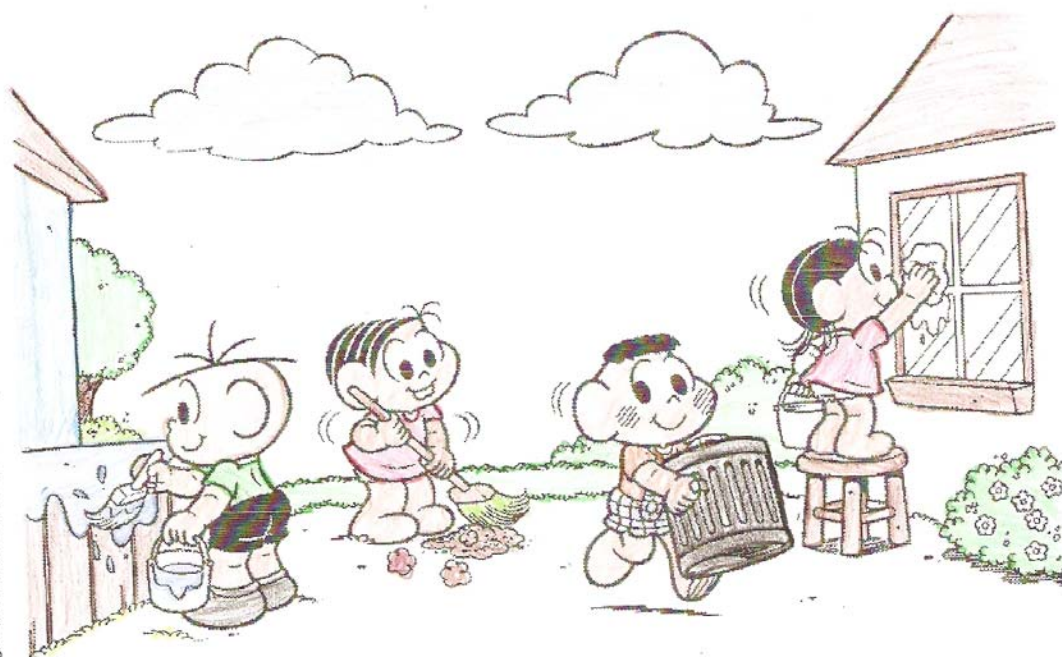
fim



Aluno 2 – 11 anos

Era um vez a CEBOLINHA, MONICA, CASCAO, MAGALI elas queriam ajudar na casa,  
 e pediram para a sua mãe, mãe não podemos ajudar na casa, tudo  
 bem, CEBOLINHA PEGOU tinta, manta, o ~~casaco~~ <sup>volante</sup> e casaco e bauli de  
 lizo, a magali PEGOU um pano ficou muito horas e depois  
 elas foi brincar.

Copyright © 2003 Mauricio de Sousa Produções



NMD

Aluno 3 – 10 anos

### A turma da Mônica em: Uma viagem

Era uma vez um turminho muito animado, foi fazer uma viagem até uma praia em São Paulo. Mônica levou sua turminha para um passeio muito gostoso.

Cada um levou uma coisa para comer. Mônica, Magali, Anjinho, Cabelinho e Casquinha foram para a praia numa tarde muito bonita e ensolarada, eles se divertiram muito, quando foi entrar no mar, Magali ficou com muito medo, mas a turminha ajudou - a entrar, Magali engoliu um pouco d'água e falaram:

- que água salgada.

Na praia tinha muito turismo, a turminha ficou muito assustada, pois nunca tinha visto tanta gente e nunca fez a praia.

Depois de um banho delicioso na água do mar, foram brincar na terra, lá chegaram a fazer, Costelas, montanhas, fizeram uma festa. Sempre em fim chegou a hora mas esperada de Magali, que é comer, todos participaram, fizeram um piquiniqui muito legal, tinha muita coisa para comer, Magali muito feliz destacou a festa de tão feliz que está.

Chegou a hora de ir embora, a turminha se despediu da praia e foram embora muito felizes e todos falaram que não ia esquecer daquele dia feliz.

Fim  
S

Aluno 4 – 12 anos

## O Leão e a ratinha

Certa manhã um leão estava com muita fome de repente passou uma ratinha.

O leão gritou:

— Estou com muita fome e vou te comer.

A ratinha com muito medo falou: Se o senhor não me comer eu serei muito grata e farei um grande favor.

Um certo dia o leão surgiu um burrinho e foi ver o que era chegando lá o leão pisou na armadilha e ficou preso.

A sua sorte foi que a ratinha estava passando por ali e surgiu o leão gritando e foi ver o que era.

Chegando lá a ratinha viu o leão preso e falou:

— Espere um pouco eu vou te tirar daí!

A ratinha roeu todos os cordões e o leão saiu.

A ratinha falou:

— Eu falei que faria um grande favor e fiz.

E foi assim que o leão percebeu que um gruda os outros.

fim

Barbie

Aluno 5 - 12 anos

## Os jogadores de campo

Em uma vez o meu colega chamado anderson ele passou por um campo de futebol e ele ficou com vontade de jogar futebol e ele falou.

- Vou fazer um Time de jogo de campo.

Vamos sim mas você sabe quem vai jogar?

- Hei sim quem?

- Anderson, alisson, Helio, Uellim, Mathew, Leandra, guilherme, Kleber.

E começou o jogo do Brasil e do japão e o anderson e o alisson se machucaram e a médica deu um remédio e eles saíram.

E o Brasil e o time dele ganhou de 10 a 5 e na casa do anderson deu uma festa porque eles ganharam e eles ficaram muito felizes por

que eles ganharam do japão por que também o japão era muito bom mas mesmo assim eles conseguiram ganhar o jogo.

Aluno 6 – 10 anos

## a Turma da Mônica em: Sacando o Mensalão.

Era uma vez, numa noite assustadora, era lua cheia mas a turma da Mônica nem se importava, porque estavam numa missão, numa missão muito importante. a missão foi o L.i.L.S. (Luis inscio Lula da Silva), Era Perigo se, pois para completar a tarefa que incumbiu a lei. Mas eles não tinham medo pois em troca receberiam a parte do dinheiro sujo, mas eles não eram corruptos só estavam fazendo que eram bons no negócio. Mas que pena, Eles esqueceram de cartão para sacar o mensalão para o Presidente, mas eles não desistiram, enfiaram o pé na máquina, mas sorte deles que a máquina era fora de gancho perto do olho, De repente uma vitória aparece e Para perto deles, o sujo é grande, Mas quem está lá é o Lula e eles têm o cartão, Depois de sa que é ora da recompensa, Mas o Lula foge com a vitória, até que eles são bons Mas nesse caso teriam que ser bons é em corrupção Para denunciar o safado de corrupto do Presidente Lula.



Aluno 7 - 13 anos

Um certo dia uma raposa quis chamar a  
sua amiga legonha para jantar, ela colocou a raposa  
num prato de ouro, então legonha não pode comer a  
raposa, saiu de casa da raposa esbomada, mas  
que utilizaria no dia seguinte.

No outro dia a raposa foi até a casa  
da legonha com muitos bonecos. A raposa pensou  
que era legonha, era muito sua ami-  
ga e não tinha feito como ela, colocou  
num prato de ouro e legonha não pode comer.  
Ela ficou muito agradecida pois a  
comida estava deliciosa e pensou "E nestas  
horas que vemos os nossos mercaletes a  
migas".

Aluno 8 – 12 anos

## A Raposa e a Legião, com as uvas

Era um certo dia uma Raposa esfomeada. Não tinha nada para comer, andando pela azaravens ali que viu uma Cordeira de uvas maduras, estava com muito fome disse:

— Essas uvas deve estar muito delicada Vou pegar uma, Oh não está fofinho mesmo Grande a Raposa. tentou pegar as uvas Viu um morumbondo e picante desesperada ela foi embora correndo

No dia seguinte a raposa estava lá e lembrou os blisses de vontade e foi a Legião sua amiga chegou e disse:

— Olá Raposa

— Olá Legião

— O que está fazendo amiga

— Estou tentando alcançar aquelas uvas maravilhosas.

— Não estão muito maduras

— Ah Legião, não é intenção sua

— imagine que teria intenção de comer uvas mais maduras Vou provar que não estou com intenção a Legião. Pegou uma escada e subiu para pegar um monte de uvas a

Legião disse:

Aluno 9 – 11 anos

## O Piquinique

Era um dia ensolarado no dia de sábado magali e mônica vai fazer um piquinique e convidou o anjinho, edelinha e o cascão eles pensou em fazer o piquinique no clube, todo mundo pegou um pouquinho de cada coisa que tinha de comer, um pegou suco, refrigerante, bolo, pão, geleia, frutas, torradas etc...

Eles foram de peruinha, no meio da estrada foram cantando lá, lá, lá, lá...

Quando no clube eles foram ver o lugar onde eles ia a campar, de baixo de uma árvore linda bem grandona.

Eles então foi para o vestiário se trocar para cair numa piscina.

Brincando, nadando eles brincaram muito. Depois de ter brincado eles foram comer pegaram as suas comidinhas e foram para o lugar onde eles tinham preparado, jogaram uma toalha enorme na grama uma toalha quadrada vermelha com branco e colocaram as comidinhas deles lá e comeram, comeram, comeram, até encherem.

Aluno 10 – 11 anos

5ªA

Um dia um anjo veio do céu e veio lá onde o  
mônico, cabalinho, magali, ~~ajuda~~ cascaço estavam  
jogando bola no campo e o cinjinho tinha quebrado  
a ossa o mônico falou "liga para o resgate" e  
o anjo ligou e o resgate levou ele para o  
hospital eles tinham visitado o cinjinho e  
ficou alegre e quando o cinjinho  
melhorou e foi brincar e cinjinho  
marcava bastante gol por que no  
lugar que ele ficou tinha um campo  
de futebol sempre quando eles jogava  
de o cinjinho também jogava eles cada  
dia ficava com um dia o cinjinho não  
vê-lo eles não estavam lá o cinjinho  
ficou triste e foi na casa deles perguntou  
onde eles estavam para a mãe dele  
sele estavam doente e estavam no os-  
pital tomando xoro.

Aluno 11 – 12 anos

o passeio no bosque

Um lindo dia Ana e Thais passaram pelo bosque, brincavam, brincavam, corriam se encostavam uma da outra, esticavam e trocavam:

— Hei Ana! Thais já está escuro e nós estamos no fim do bosque, vamos ter que dormir aqui.

— Mas Ana não podemos dormir aqui nossos pais vão ficar preocupados

— Não temos alternativa Thais, vamos acampar as tendas.

Então elas dormiram. E bem de manhãzinha acordaram e em vez de ir em busca ficaram brincando então quando foi de tardezinha já escurecendo Thais disse:

— Vamos em busca Ana está escurecendo

Então lá foram elas pelo bosque, mas então Thais caiu num buraco bem fundo e não conseguia sair, sorte que os pais delas estavam a procura delas mas mesmo assim tiveram que dormir lá no bosque mas no outro dia os pais delas as encontraram e elas apunharam a língua, temes que escutar nossos pais.

Aluno 12 - 13 anos

## Contando uma História de um colega que passou por...

Os pais

Maus momentos tudo começou quando ele estava chegando de um restaurante que os colegas dos pais dele tinham casado.

E chegando na casa dele, foi que os seus pais não estavam mas se entendendo ficaram a noite inteira brigando, e mais amigos chorando, chorando. Eles foi não aguentando mais se separaram.

O meu colega ficou com a sua mãe, e seu pai sumiu do mapa mas, ele até que ficou contente até que um outro homem queria pegar a lugar do seu pai mas, sua mãe amava este homem e meu colega não queria aceitar teve um momento que ele até pensou em matar este homem mas ele não pode evitar sua mãe e esse homem se casaram e ele percebeu que as vezes as aparências enganam e ele ficou Bem Feliz com isso e até aprendeu a amar este homem que hoje em dia ele se chama de pai. e até hoje ele não entende os pais